

# Dom

*Tradução de Luís Miguel Coutinho*

*A presente obra respeita as regras  
do Novo Acordo Ortográfico.*

RICHARD  
PAUL EVANS



SAÍDA DE EMERGÊNCIA  
Para quem quer fugir do comum

Estamos na Véspera de Natal. Cá em casa, toda a gente dorme menos eu. Da janela do meu escritório, vejo que começou a nevar, mas não em força. Parece-me uma espécie de cortina abatendo-se sobre o dia.

O momento encerra uma certa tranquilidade, que me invade o pensamento. Esta não é uma história de Natal. A quadra está quase no fim, morrendo como o lume na minha lareira, despedindo a última onda de calor e um clarão quase extinto. Amanhã, a decoração será retirada e arrumaremos o Natal em caixas e latas, mas antes disso visitaremos um cemitério a pouca distância de carro daqui. Limparei a neve de uma lápide funerária, depois pousarei um vaso com uma flor-do-natal sobre o túmulo de mármore. Em seguida, abraçarei a minha mulher e a minha filha e recordaremos um rapazinho.

As nossas pegadas não serão as primeiras impressas na neve nem a nossa flor a primeira sobre a campa. Já lá estarão dois *bouquets*, como acontece todos os anos.

Talvez já conheçam parte da nossa história — ou pensem que conhecem. Parte dela saiu nas notícias, mas o que ouviram foram apenas alguns acordes de uma música, ainda por cima mal tocados. Esta noite, estes pensamentos pesam-me na cabeça. Parece-me que chegou o momento de o mundo saber toda a verdade, ou, pelo menos, toda a verdade que eu lhe posso contar. Por isso, esta noite começo a registar a nossa história para as gerações vindouras. Tenho, desde já, consciência de que muitos não acreditarão no que vou contar. É possível que vocês não acreditem, mas não interessa, porque eu vivi isto e conheci o rapaz e aquilo de que ele era capaz... e há coisas que são verdade, independentemente de acreditarmos nelas ou não.

## CAPÍTULO UM

*Não creio que a sociedade alguma vez se tenha tornado mais tolerante;  
limita-se a mudar de alvos.*

DIÁRIO DE NATHAN HURST

Nasci com a Síndrome de *Tourette*. Se forem como a maior parte das pessoas, não conhecerão muito bem este problema mas suspeitarão que tem que ver com dizer palavrões em público. Se é este o vosso caso, têm cerca de dez por cento de razão.

A Síndrome de *Tourette* é um distúrbio do foro neurológico caracterizado por movimentos repetitivos e involuntários; coisas que impressionam um pouco as pessoas “normais”. Alguns de nós — cerca de dez por cento — proferem palavrões em público; outros ladram ou imitam outras vozes de animais. Eu tenho tiques. Já tive mais de vinte manifestações diferentes, desde tiques vocais como pigarrear e engolir em seco com grande ruído a piscar os olhos, encolher os ombros, dar sacões com a cabeça ou fazer caretas. O último tique que tive foi nas mãos, e apesar de me causar dor, preferia-o aos tiques faciais, pois não podemos esconder a cara no bolso.

Também sinto o impulso de cuspir na cara de pessoas famosas, mas nunca o fiz, talvez por não conhecer ninguém famoso. Contudo, o impulso existe. Certa vez, vi Tony Danza <sup>1</sup> num restaurante em Park City e pus a mão na boca, como medida de precaução.

O mais peculiar dos meus sintomas é a minha compulsão para tocar em coisas pontiagudas. Se me revistassem os bolsos, encontrariam notas de um dólar dobradas em bico. O papel-moeda contém linho, o que lhe faz com que possa ser dobrado em pontas especialmente agudas. Mas conforta-me tudo o que seja pontiagudo e tenho sempre uma dúzia (ou mais) de lápis extremamente afiados sobre a secretária.

Por vezes, as pessoas perguntam-me se os meus tiques são dolorosos e eu desafio-as a fazerem a seguinte experiência: pisquem os olhos

---

<sup>1</sup> Ator norte-americano mais conhecido pela sua participação na série *Táxi* e em filmes como *A Corrida mais Louca do Mundo*. (N.T.)

sessenta vezes ou mais num minuto e logo verão como é! Depois, façam isso durante dezasseis horas seguidas! Lembro-me de que, quando era miúdo, costumava agarrar a cara à noite porque não conseguia parar os tiques, e aquilo doía-me.

Mas mais do que as dores físicas, o que me magoava mesmo era a exclusão social, como, por exemplo, nos momentos em que me sentava sozinho na cantina da escola porque ninguém queria sentar-se ao pé de uma pessoa que fazia ruídos estranhos. O olhar de pânico nas caras das mulheres quando as nossas próprias caras não param quietas enquanto as convidamos para sair! (Normalmente, os tiques são exacerbados pela ansiedade, e se convidar uma mulher para sair não nos deixa nervosos, o que o fará?) A situação não era melhor nos acampamentos de férias, quando todos os miúdos me rodeavam porque queriam ver o que é que o *maluquinho* ia fazer a seguir! Tive bons motivos para me tornar uma pessoa reservada.

Portanto, não surpreende o facto de eu ser uma pessoa que lê bastante. É que os livros são os amigos mais tolerantes... Naquela altura, havia livros muito interessantes: *Old Yeller*; *Andy Buckram's Tin Men*; *Where the Red Fern Grows*; *The Flying Hockey Stick*... Mas os livros de que eu mais gostava eram os de banda desenhada. Não me refiro aos livros para criancinhas com capa de tecido, como *Archie e Jughead*, mas aos da Marvel, cujos heróis vestiam fatos colados à pele e tinham músculos sobre músculos. Eram personagens como o Homem-Aranha, o Capitão América, o Homem de Ferro ou o Incrível Hulk. Eu lia aquelas bandas desenhadas antes e depois da escola, e pela noite dentro, adormecendo com a luz acesa. Sonhava constantemente em ser alguém especial, capaz de atravessar paredes (ou de fazer outros atravessarem-nas...), de voar, de entrar em combustão ou de me fazer rodear de um campo de força magnética, a salvo de tudo o que os rufias pudessem tentar fazer-me. É revelador o facto de o poder que eu mais desejava ser o de me tornar invisível...

De certa forma, o meu desejo foi satisfeito quando eu tinha oito anos de idade. Tornei-me invisível! Não aos olhos de todos; só aos dos que interessavam.

A Síndrome de *Tourette* não foi o aspeto mais terrível da minha infância. Cinco semanas após o meu oitavo aniversário — no Dia de Natal —, uma tragédia destruiu a minha família. Dez meses depois disso, os meus pais acionaram o processo de divórcio. Porém, o mesmo nunca foi concluído porque o meu pai matou-se no dia vinte e cinco de dezembro, precisamente um ano após a tragédia.

Depois disto, a minha mãe nunca mais se recompôs, tanto física como emocionalmente. Passava a maior parte do tempo na cama e nunca mais me abraçou ou beijou. Foi mais ou menos por esta altura que os meus tiques começaram.

Saí de casa no mês em que completei dezasseis anos de idade. Abandonei a escola, meti tudo o que tinha na parte de trás de um *Ford Pinto* e fui para o Utah, para viver com um antigo colega da escola. Nunca cheguei sequer a dizer à minha mãe que me ia embora. Não havia qualquer motivo para o fazer... Eu raramente estava em casa, e mesmo quando estava, nunca falávamos.

Talvez pensem que fui vítima de alguma coisa má que tenha acontecido, mas, se pensam isso, estão enganados. Tratou-se de uma coisa que *eu* fiz. Talvez seja por isso que não culpo a minha mãe pela forma como me tratou... ou o meu pai, por ter deixado a vida pela porta do cavalo. A culpa da confusão em que se encontrava a minha vida era minha. E o Natal era apenas mais um dia do calendário. Nunca acreditei que esse dia pudesse vir a tornar-se especial até conhecer Addison, Elizabeth e Collin.

A Bíblia diz que Deus escolheu as coisas fracas do mundo para confundir as poderosas, e a minha história é sobre uma dessas “coisas fracas” de Deus. Chama-se Collin e é um rapazinho frágil e lindo, com um dom muito especial.

## CAPÍTULO DOIS

*Na noite passada, tive um sonho estranho. Vagueava, de noite, por uma zona erma e desolada de árvores e pântanos. Em plena escuridão, ouvi grunhidos e rugidos de coisas assustadoras. Ouvi o choro de uma criança à distância, e também isto me assustou. De repente, a mão de uma mulher pegou na minha. Apesar de ser mais pequena do que a minha mão e muito suave, deixei de ter medo do que não conseguia ver. Naquele lugar estranho não havia palavras, mas líamos e compreendíamos perfeitamente os pensamentos um do outro. «Está tudo bem, Nathan», foram as palavras dela. «Eu estou aqui». A escuridão ocultava-lhe a cara e perguntei-lhe quando a veria. «Dentro em breve», respondeu ela, «quando ele te salvar». Dito isto, desapareceu. «Quem é que me vai salvar?», perguntei em pensamento. «Quem é ele?» Não me respondeu. Quando a solidão aumentou, recorri à voz: «Mas eu não lhe vi a cara... Como poderei reconhecê-la?» As minhas palavras ecoaram no vazio. Depois, a voz serena e frágil voltou: «Reconhecerás o meu filho.» Então, vi-o. Tinha a cabeça rapada e o meu primeiro pensamento incon siderado foi que parecia um monge budista. A sua cara era pálida, com traços suaves, quase femininos, mas mais memoráveis ainda eram os seus olhos claros e penetrantes. Antes de ele desaparecer, surgiu-me um pensamento: «Não há dor tão profunda que o amor não consiga curar.» Perguntei a mim mesmo se isto seria mesmo verdade.*

DIÁRIO DE NATHAN HURST

15 DE NOVEMBRO DE 2002

Minha história começou cerca de uma semana antes do Dia de Ação de Graças. Eu estava com uma bronquite terrível, daquelas que nos fazem ter a impressão de que vamos deitar os pulmões pela boca. O meu trabalho leva-me a viajar bastante e os períodos de férias são as épocas do ano em que estou mais ocupado. Por isso, adiei a consulta ao médico enquanto viajava pelo país, chupando rebuçados de mel e limão em quantidades industriais.

O meu trabalho é algo *sui generis*. Sou uma espécie de *Big Brother*, nesta era da Internet. As minhas funções correspondem às de um detetive interno da cadeia MusicWorld e cabe-me impedir que os nossos colaboradores nos roubem... ou, pelo menos, impedir que o façam e se safem. Ocupo um pequeno escritório sem janelas em Salt Lake City, de onde acompanho as transações efetuadas nas 326 lojas que temos espalhadas pelo país. Ficariam espantados com as deduções a que chego só ao olhar para o monitor do meu computador, através do qual observo tudo sem ser visto! Sou invisível... Conheço mil e uma formas de roubar as nossas lojas, e todas as semanas um louco, algures, tenta uma delas, convencido de que foi o primeiro a descobri-la.

O meu trabalho é como ir à pesca (no escritório da sede chamamos “peixes” aos suspeitos). Passo algum tempo a lançar o isco, até que apanho alguma coisa. Depois, brinco um bocado com eles à linha até arranjar provas suficientes para apanhar o avião e os mandar prender. O processo é quase sempre o mesmo: chego à loja, de surpresa, acompanhado de um agente da autoridade, confrontamos o colaborador em questão e, por fim, levamo-lo para uma sala na parte de trás da loja, onde passamos uma hora pesada do ponto de vista emocional enquanto o interrogamos.

Tenho encontrado larápios de todos os tipos, desde góticos a estudantes exemplares e a escuteiros condecorados com a águia <sup>2</sup>, passando por estudantes que abandonaram a escola. Certa vez, em Akron, apanhei até uma “avozinha” de cabelo grisalho, que parecia o Pai Natal no feminino.

Não simpatizo com ladrões, mas, por vezes, tenho pena deles por sucumbirem a uma tentação — ou lapso de consciência — momentânea. Muitas vezes, têm problemas: um vício ou uma dívida considerável. Os mais perturbadores são os sociopatas, que não têm problemas de consciência ou sentimentos de culpa e se limitam a roubar tudo aquilo a que acham que têm direito. Estas pessoas não sentem remorsos; apenas raiva contra mim por me ter atravessado no seu caminho. Na verdade, costumam até culpar-me pelos seus problemas. Na sua realidade distorcida, as coisas até lhes estavam a correr bem até eu aparecer.

Após quatro anos neste trabalho, acabei por desenvolver um método de interrogação bastante eficaz: não falo muito — quanto menos falar melhor —, descrevo alguns detalhes dos crimes aos acusados — aqueles de que tenho conhecimento — e dou-lhes a entender que sei mais. Em seguida, sento-me e escrevo em silêncio num bloco de notas, deixando-os falar o máximo possível e dando-lhes, piedosamente, a hipótese de confessarem e de obterem alguma clemência da empresa e dos tribunais. Porém, a verdade é que isto não é tanto um ato piedoso, mas mais uma questão prática. Nem sempre consigo recuperar tudo o que roubaram e eles não sabem o que é que eu sei, ou — mais importante ainda — o que me falta saber. Certa vez, levei a que uma mulher confessasse o roubo de quase vinte mil dólares que me tinham passado despercebidos.

Quando terminamos a conversa, a polícia algema-os e leva-os. Nesse processo, acompanhamo-los, à vista dos outros colaboradores, até ao carro da polícia, que os espera na rua. Chamamos a isto «a marcha da vergonha». Não surpreende, portanto, que os roubos internos diminuam drasticamente em todas as lojas que visito. Poupo à minha empresa mais de um milhão de dólares por ano, e isso só na mercadoria que recuperamos! Como já disse, tenho um trabalho *sui generis*.

A época do Natal não é só a altura do ano em que as pessoas trocam presentes; também é o período em que os colaboradores roubam

---

<sup>2</sup> Esta condecoração é atribuída pelos *Boy Scouts of America*, no âmbito do seu programa *Boy Scouting*, e corresponde ao posto mais elevado dos escuteiros desta organização.

mais. Estávamos numa quinta-feira, uma semana antes do Dia de Ação de Graças, quando fiz uma paragem rápida em Boston, onde dois colaboradores sazonais — dois rapazes que pertenciam a uma fraternidade — roubavam guitarras, que depois entregavam aos seus “irmãos” para que estes as devolvessem a troco de dinheiro. Andavam a encaixar mais de três mil dólares por dia, guardando o dinheiro para uma festa de Ano Novo «inesquecível» (o termo é deles, não meu) a organizar pela associação de estudantes. Parece-me que acabaram por conseguir o que queriam, pois tenho a certeza de que nunca mais esquecerão a noite de Ano Novo que passaram na prisão! A minha paragem seguinte foi em Filadélfia.

A ladra que desmascarei nessa cidade chamava-se Jenifer — só com um «n» — e era uma rapariga de vinte e cinco anos de idade que tinha roubado quase seis mil dólares em mercadoria.

Connosco, na sala dos fundos, estava um polícia, o gerente da loja e o seu assistente. O gerente da loja era mais velho do que a maior parte daqueles com quem eu já tinha contactado ao longo dos anos, uma personagem «retro» da época de Woodstock, com o seu cabelo prateado e comprido preso num rabo-de-cavalo à Jerry Garcia. Já o seu assistente, era muito mais jovem. Andaria pelos vinte e poucos anos de idade e era tão rígido como a corda de um violino. Olhava ferozmente para a jovem e cheguei a imaginá-lo sozinho com a suspeita numa sala quase às escuras, com uma luz intensa incidindo sobre a cara dela enquanto ele lhe exigia que confessasse, desferindo violentas pancadas na mesa com um bastão da polícia.

A jovem não olhou nenhum de nós nos olhos, sentando-se cabisbaixa e a tremer de medo.

Pessoalmente, sentia-me de rastos. Estava com febre, sentia arrepios de frio e tinha acabado de sair da casa de banho, onde um ataque de tosse quase me deixara de joelhos. Se não tivesse já chamado a polícia, o mais provável era que esquecesse o interrogatório e procurasse antes os serviços de urgência de uma clínica. Após dez minutos de um interrogatório que foi mais um monólogo, a jovem ergueu o olhar na minha direção e perguntou-me, com uma voz ténue, se podia falar comigo a sós.

O que ela me estava a pedir era uma violação da política da empresa, bem como do bom senso, pois estar sozinho com um suspeito era uma situação que convidava a subornos, ameaças e acusações. Eu não tinha nada a ganhar com aquela situação, e tudo a perder. No entanto, pensei no pedido. Já tinha conduzido mais de duzentos interrogatórios e aquele pareceu-me diferente. Faltava qualquer coisa à história que ela

tinha contado. Momentos depois, fiz um sinal com a cabeça aos outros homens, que, apesar de claramente contrariados, abandonaram a sala. Quando a porta se fechou, ela olhou para mim com o queixo a tremer e os olhos vermelhos das lágrimas.

Puxei do meu dictafone e liguei-o.

— Vou gravar tudo o que disser, por isso aconselho-a a não tentar subornar-me ou ameaçar-me!

— Não foi por isso que... — balbuciou ela, abanando a cabeça.

— O que é que pretende dizer-me? — perguntei.

— Roubei.

— Já concluímos isso.

— Nunca na minha vida tinha roubado nada... — disse ela, tornando a baixar os olhos. — Estou a tentar divorciar-me do meu marido.

Dizendo isto, afastou o cabelo da orelha, revelando uma grande nódoa negra arroxeadada.

— Ele leva-me os ordenados todos e pensei que se pudesse pôr algum dinheiro de parte... — disse, esforçando-se para se recompor. — Mas não consegui terminar o que comecei, por isso trouxe tudo de volta, mas não soube como fazer para voltar a pôr as coisas dentro da loja sem ser apanhada e perder o meu trabalho. Haverá alguma forma de o senhor me castigar sem ninguém vir a saber disto?

— Está a referir-se ao seu marido? — indaguei, apercebendo-me do terror que a palavra lhe provocava.

— Nem sei o que é que ele seria capaz de me fazer... e às minhas meninas...

Foi então que me apercebi de que ela não estava com medo de mim nem da polícia, ou sequer da prisão. De quem ela tinha realmente medo era *dele*.

Limitei-me a olhar para ela, sem saber bem o que fazer. Eu não tinha qualquer dúvida de que ela acreditava estar em perigo e aquela era uma situação nova para mim.

Tive mais um ataque de tosse. Quando me recompus, o único som que ouvi foi o dos soluços dela. Tapou a cara com as mãos.

— Trouxe tudo de volta?

— As coisas ainda estão no porta-bagagens do meu carro...

— Está lá *tudo*?

Tornou a acenar com a cabeça.

Passados mais alguns instantes, perguntei:

— Onde está o seu carro?

— Está estacionado nas traseiras, um pouco afastado. É um *Corona* branco.

— Dê-me as chaves.

Entregou-me uma argola grande presa a um porta-chaves de plástico acrílico com a forma de um ovo e uma fotografia de duas meninas sorridentes.

— Vamos — disse eu.

Sáímos da sala juntos e passámos pelos homens, a caminho do parque de estacionamento. Viram-nos sair, curiosos, e o gerente da loja acompanhou-nos à porta, como se já tivesse antecipado a nossa saída.

O carro estava um cháço. Tinha o para-brisas rachado, os painéis traseiros enferrujados e o forro de vinilo dos assentos quase completamente rasgado, expondo molas e espuma. Abri o porta-bagagens.

Estava lá tudo, com as etiquetas dos preços e as brochuras ainda presas. Encostei-me ao carro e tossi.

— Ajude-me a levar isto para dentro — pedi-lhe.

Peguei no amplificador, enquanto ela levou as duas guitarras. Voltámos à sala das traseiras e pousámos as coisas ao canto. Depois, tornámos a sentar-nos e ela olhou para mim com um ar expectante. Nesse instante, o gerente da loja voltou, acompanhado do assistente e do polícia e a rapariga tornou imediatamente a mostrar-se mais nervosa.

— Então, em que pé é que estamos? — perguntou o assistente, tenso e irritado por eu lhe ter pedido para se retirar.

— Acho que devíamos deixar passar esta situação — respondi. — Esta colaboradora levou apenas as coisas emprestadas para uma festa e trouxe tudo de volta. Está tudo ali e nada foi danificado.

O polícia e o assistente olharam para mim como se eu tivesse perdido o juízo.

— Foi um ato impensado, mas ela não roubou. Pelo menos, não foi essa a sua intenção. Recomendo que lhe cobre um aluguer e a ponha à experiência.

O assistente passou-se.

— O senhor acredita nela?! Olhe para ela! Percebe-se logo que está a mentir! Mande-a prender!

O gerente ignorou o ataque e perguntou à rapariga se aquilo era verdade; se ela tinha mesmo levado as coisas emprestadas. A colaboradora acenou que sim com a cabeça sem olhar para ele.

— Isto é a coisa mais estúpida que alguma vez ouvi! — rosou o assistente. — Ela é uma ladra! — exclamou, virando-se depois para mim. — O que é que ela lhe disse quando saímos? O que é que ela lhe ofereceu?!

Tapei a boca com a mão e voltei a tossir. Depois, abri o bloco de notas numa página em branco e comecei a escrever. Quando terminei,

arranquei a folha e entreguei-lha. Ele olhou para o papel e, ao lê-lo, a sua expressão alterou-se. Lançou-me um relance furtivo, levantou-se e saiu da sala.

— A decisão é sua — disse eu, dirigindo-me ao gerente da loja.

Quando olhou para a rapariga, vi nos seus olhos o tipo de compaixão de quem já levou um pontapé ou dois da vida.

— Nunca acreditei que a Jen o tivesse feito — comentou, em voz baixa.

Em seguida, levantou-se, pegou nas guitarras pelos braços e dirigiu-se à jovem.

— Põe o amplificador no lugar e volta para o teu posto. Temos muito trabalho pela frente...

Depois, virou-se para mim.

— Devia consultar um médico por causa dessa tosse...

Dito isto, saiu da sala. O polícia olhou para mim.

— Acho que não temos mais nada a fazer aqui...

Abanou a cabeça ao levantar-se e retirou-se, deixando-me a sós com a rapariga.

— Obrigada — agradeceu-me a jovem momentos depois, num tom de voz suave.

— Vou ter de apresentar um relatório sobre o caso...

— Compreendo.

— Afaste-se dele. Pegue nas meninas e vá para um abrigo de mulheres, se for preciso — sugeri, levantando-me. — E não volte a roubar!

— Senhor?

— Sim?

— O que é que escreveu no papel, que fez com que o assistente do gerente se fosse embora?

Esbocei um sorriso.

— A menina não é a única pessoa colaboradora desta loja que eu tenho mantido debaixo de olho.

## CAPÍTULO TRÊS

*«O tempo, lá fora, está insuportável! Neste momento, estou retido no terminal de Denver, e dizem que os aviões não podem descolar. Há neve, demasiada neve...Parem a neve.»*  
(Acho que estou a enlouquecer.)

DIÁRIO DE NATHAN HURST

— |  
— |

Era o dia do meu aniversário. Não é que isto fosse mais do que uma mera constatação. À noite, acabaria por riscar aquele dia do calendário, tal como fazia com todos os outros. Estava previsto eu fazer uma escala de duas horas em Denver, a caminho de Salt Lake City e respirar o ar reciclado e viciado do avião só piorou a minha tosse. A única coisa que eu queria era apanhar-me em casa, na cama ou respirando o vapor de um duche quente. Infelizmente, o tempo tinha outros planos.

Já nevava há mais de seis horas, mas a força da tempestade veio atrás de nós. Do meu lugar à janela, Denver parecia tão branca como um bolo de casamento.

Pouco depois de aterrarmos, voltei a ligar o telemóvel. Miche, a minha assistente, tinha deixado uma mensagem de voz no meu atendedor de chamadas para me dizer que me tinha reservado um quarto no hotel do aeroporto, para o caso de este fechar. Reservara a *suite* presidencial, pois era o último aposento disponível. «Tive de obter o aval da contabilidade», disse ela, num tom vivo, em que detetei um certo regozijo. Pude imaginar a batalha que ela teria travado com os guerreiros do lápis afiado da contabilidade. «Disseram-me para não se habituar à boa vida... Espero que se sinta um pouco melhor. Marquei-lhe uma consulta na Clínica Midvalley para amanhã. Aproveite para descansar. Ah, é verdade... feliz aniversário, chefe.»

*Adoro aquela mulher!* Guardei o telemóvel no bolso do casaco. O avião encostou à manga e eu peguei na mala e saí, com os outros passageiros.

O terminal fervilhava de passageiros retidos. As pessoas ocupavam todos os bancos, estavam sentadas nas zonas atapetadas e espalhavam-se também pelas áreas ladrilhadas, ao longo das laterais do terminal, como gente acampada nas bordas de uma estrada antes da passagem de um cortejo. «Ainda bem que posso contar com a Miche!»,

pensei. Passei por uma loja de doces e pensei que não podia esquecer-me de lhe comprar uma caixa de bombons.

O sistema de som do aeroporto debitava música de Natal e o refrão *Let it snow, let it snow, let it snow* reverberava por todo o terminal. O corredor estava iluminado e as janelas cobriam-se de uma neve que não dava sinais de abrandar. Olhei de relance para o quadro das partidas e a palavra «CANCELADO» aparecia em todos os voos. Era evidente que ficaríamos todos ali retidos durante algum tempo.

Os pequenos balcões de comida rápida não estavam preparados para alimentar aquela enchente, e muitos já tinham fechado, baixando as grades de ferro, com os empregados apinhados lá dentro como reclusos. Até as lojas de produtos sortidos, com os seus chocolates de leite e de avelãs, esgotaram os estoques como os supermercados da Florida na estação dos furacões. Atravessei o terminal e juntei-me à longa fila diante do balcão de informações da Delta <sup>3</sup>. Foi aí que conheci Addison.

Era bonita — não era uma modelo de capa de revista, mas, na minha opinião, era ainda melhor. Era uma pessoa tranquila. Aparentava ter alguns anos a menos do que eu e quase uma cabeça de diferença na altura, com cabelo comprido, cor de *capuccino* e revirado nas pontas. Tinha várias mochilas aos ombros e uma mala com rodas preta aos pés.

A filha pequenina — a única das pessoas à nossa volta que ainda mostrava sinais de vida — saltava entre filas, ora sobre uma perna ora sobre outra, jogando ao jogo da macaca num terreno imaginário, quando caiu acidentalmente sobre um homem de negócios que se encontrava à frente da mãe. No caos do momento, os ânimos encontravam-se exaltados, e, dando com alguém em quem despejar a frustração, o homem virou-se, com a cara ruborescida e uma veia protuberante no pescoço. Era gordo como um texugo e envergava um fato completo, com colete, às riscas.

— Vê lá por onde andas! — gritou.

— Peço desculpa — disse a mãe, puxando a filha para si pelos ombros.

Quase toda a gente que se encontrava na fila se virou para ver o que tinha provocado aquela reação irada.

— Veja se controla a sua filha!

— Peço-lhe imensa desculpa — reforçou ela, corando. — É que ela tem-se sentido presa todo o dia...

---

<sup>3</sup> Tratar-se-á da transportadora aérea americana Delta Air Lines. (N.T.)

— Se a sua filha não sabe comportar-se, deixe-a em casa!

Foi nesse momento que reparei no rapaz agarrado ao braço dela. Era pequeno, talvez com oito ou nove anos de idade, e parecia extraordinariamente magro e frágil. Usava um boné dos Utah Jazz <sup>4</sup>, mas não se via qualquer vestígio de cabelo por baixo, nem sequer sobran-celhas ou pestanas. Tinha a boca e o nariz tapados por uma máscara de enfermaria e, largando a mão da mãe, cerrou os punhos e encarou o homem.

— Não fale assim com a minha mãe!

— Tento na língua, fedelho! — exclamou o homem, empurrando o rapaz com o dedo.

Alguma coisa fez *clique* dentro de mim, e, quando me apercebi, já estava a avançar na direção do “cavalheiro”.

— Qual é o seu problema, diga lá?! Uma miúda dá-lhe um encontro sem querer e você perde logo as estribeiras?! A miúda já lhe pediu desculpa, agora dê meia-volta e deixe esta gente em paz!

Havia sussurros por todo o lado à nossa volta, e ouvi pessoas repetindo a outros o que eu acabara de dizer. O homem viu-se encurralado entre o medo que eu lhe inspirava e a humilhação pública. É que tenho um metro e oitenta e três de altura e um metro e cinco de peito. Pratico halterofilismo, o que faz com que eu pareça realmente ameaçador quando quero. É possível que parecesse um louco perigoso, com tiques na cara e nas mãos e suor escorrendo-me pela cara, por causa da febre. O homem de negócios era pelo menos dez centímetros mais baixo do que eu e tão musculoso como um aglomerado de algas.

A covardia acabou por vencê-lo e deu meia-volta, resmungando para si mesmo, entredentes.

A jovem mãe lançou-me um olhar furtivo, mas não falou. Dir-se-ia tão embaraçada com a minha intrusão como com a reação do homem.

— Acabaram-se as correrias! — exclamou, puxando a filha para si.

— Mas estou farta de estar aqui!

— Eu sei, minha querida... São só mais alguns minutos.

O rapazinho virou-se e olhou para mim. Por instantes, pareceu-me reconhecê-lo de algum lado, mas virei-me, assolado por outro ataque de tosse.

Passou-se mais meia-hora até ela chegar ao pé do funcionário de serviço na porta de embarque. Era um indivíduo de origem arábica carrancudo e decidido, que recolheu o bilhete com um ar impaciente.

---

<sup>4</sup> Trata-se de uma equipa de basquetebol de Salt Lake City, no estado norte-americano do Utah. (N.T.)

— Sou passageira do voo 2274, com destino a Salt Lake — esclareceu ela.

— Foi cancelado — foi a resposta curta do funcionário.

Addison ignorou a informação óbvia.

— Sabe dizer-me quando é que poderemos prosseguir a viagem?

— Não tem reserva? — perguntou ele, olhando para o bilhete e abanando a cabeça. — Pelo andar da carruagem, diria que seguirá viagem algures na próxima primavera...

A jovem soltou um suspiro audível.

— Mamã, tenho *fome*! — exclamou a menina.

— Quando acabarmos, iremos à procura de alguma coisa para comer — respondeu à filha, voltando-se novamente para o funcionário.

— Dão *vouchers* para hotéis?

— *Vouchers*?

— Para quartos de graça em hotéis...

— Isso só acontece no caso de o cancelamento do voo se dever a motivos imputáveis à transportadora aérea e não a casos de força maior.

— Têm alguma espécie de descontos em hotéis?

— Não, mas também não fazia diferença porque todas as estradas que saem do aeroporto estão fechadas. E seria um milagre se ainda houvesse algum quarto livre no aeroporto do hotel! Vai ter de “acampar” por aí, como os outros.

Apercebi-me do nervosismo na cara dela. Fez uma festa suave na nuca do filho e agradeceu num tom de voz suave.

— Vamos, meninos.

Em seguida, o funcionário concentrou-se em mim, estendendo a mão para eu lhe entregar o meu bilhete.

— O próximo!

Observei a pequena família enquanto esta se afastava.

— O próximo!

Avancei e entreguei-lho.

— Eu estava no mesmo voo que aquelas pessoas, para Salt Lake — disse eu. — Gostaria de garantir o embarque no primeiro voo com destino a essa cidade.

— O senhor viaja em primeira classe e é «medalhão de platina» — observou, examinando o meu bilhete. — Trataremos de si.

— Onde fica o hotel?

— Perto da porta de embarque C23.

— Obrigado.

Peguei na mala e voltei à loja dos doces, chamada Rocky Moun-

tain Chocolates. Tinham o estoque quase esgotado, mas ainda pude comprar uma caixa enorme de doces com cobertura de chocolate para Miche. Eu sabia que ela faria as queixas da praxe pelo tamanho do presente, pois havia seis meses que vinha tentando perder dois quilos e pouco.

A minha tosse deve ter sido bastante intensa, pois a empregada da caixa tapou a boca com um lenço. Além disso, também me fez passar o cartão de crédito pela máquina, para não ter de lhe tocar.

Guardei a caixa na mala e percorri o corredor, em direção ao hotel. Voltei a cruzar-me com a jovem mãe e os seus filhos. Tinha empilhado as coisas contra uma parede e estavam os três sentados no chão de ladrilhos. Tinha a cabeça da filha no colo e o filho encostado a si. A rapariga comia uma barra de alcaçuz, enquanto a mãe cosia. A visão das duas juntas fez-me pensar numa versão viva da foto *Migrant Mother*, de Dorothy Lange, embora não tão comovente. Parei a poucos metros daquela mulher.

— A senhora está bem? — perguntei.

Ela ergueu o olhar na minha direção e pousou as agulhas. Tinha uns olhos de uma beleza estonteante, profundos e em forma de amêndoa.

— Sim, estou bem, obrigada.

— Não foi minha intenção causar-lhe embaraço. Aquele homem estava a perder as estribeiras...

— Estava apenas frustrado — respondeu ela —, tal como todos nós. De qualquer forma, obrigada.

— Chamo-me Nathan Hurst — apresentei-me, dando um passo na sua direção.

— E eu chamo-me Addison Park.

— Prazer em conhecê-la, Addison. Talvez lhe pareça atrevimento da minha parte, mas não pude evitar ouvi-la... Tenho um quarto reservado no hotel do aeroporto. Bem, na verdade é uma *suíte*, o que significa que tem dois quartos. Dar-me-ia imenso prazer que a senhora e os seus filhos ocupassem um dos aposentos.

Não consegui ler-lhe bem a expressão, mas creio que estaria a pensar no que é que eu esperaria em troca.

— Obrigada, mas estamos bem assim.

Era uma mentira evidente, dita no mesmo tom relutante com que uma criança recusaria um doce oferecido por um estranho.

— Sei que não ajuda nada dizer-lhe que não sou nenhum tarado ou um assassino em série, porque provavelmente seria isto mesmo que diriam essas pessoas... mas, de facto, não sou nenhuma dessas coisas.

Além disso, a senhora tem filhos e parecem-me todos bastante cansados.

— Há dias que andamos em viagem — disse ela, num tom mais suave, enquanto afastava uma mecha de cabelo da cara — e o meu filho não está bem de saúde. Acabou de fazer quimioterapia e o seu sistema imunitário encontra-se um pouco enfraquecido...

Perguntei a mim mesmo o que a teria levado a apanhar o avião com uma criança naquele estado.

— E eu aqui, a tossir por todos os lados! — comentei eu. — Ficarão com a *suite* inteira, se isso a deixar mais à vontade. Eu posso instalar-me na Sala VIP do aeroporto.

Uma expressão de incredulidade estampou-se-lhe na cara. Provavelmente, não podia acreditar que eu acabara de lhe oferecer o meu quarto... e acho que eu também não.

— Venha — disse eu. — Isto não é lugar para crianças. Mais uma hora e é possível que comecem a comer-se um ao outro.

Ela riu-se, e apesar da sua situação evidentemente incómoda, o riso era caloroso e doce e a sua expressão relaxou.

— Obrigada. É muita bondade sua.

Tive um forte ataque de tosse.

— Vamos. Eu registo-vos no hotel.

— Vá, minha querida — disse ela, erguendo com cuidado a cabeça da filha. — Vamos para um hotel!

A miúda olhou para mim, curiosa.

— Porque é que o olho do senhor está sempre a piscar? — perguntou. — Parece o olho de um cavalo!

— Lizzy, não sejas mal-educada! — exclamou Addison, corando.

— Eu sofro da Síndrome de *Tourette* — expliquei-lhe —, e isso leva a que o meu olho faça coisas estranhas.

— Não consegue evitar?

— Às vezes... Mas é como sustar a respiração: conseguimos fazer isso por um bocadinho, mas acabamos sempre por ter de respirar outra vez.

— Também é isso que faz com que o senhor tussa? — perguntou o rapaz.

— Não, a tosse deve ser causada por outra coisa qualquer.

— Peço-lhe imensa desculpa! — disse Addison, chegando-se a mim.

— Não tem importância.

Peguei-lhe no saco e ela pegou nas mãos das crianças.

— Chamo-me Elizabeth — disse a menina —, mas a minha mãe

chama-me Lizzy. É o diminutivo de Elizabeth... E este é Collin, o meu irmão.

— Eu sou o Nate e estou a gostar muito de vos conhecer!

— Prazer em conhecê-lo, senhor — disse Collin.

Gostei do miúdo. Na verdade, gostei dele desde o momento em que defendeu a mãe.

— Eu também tenho muito prazer em conhecer-te — disse eu, estendendo a mão.

Ele não retribuiu.

— Não devo apertar mãos...

— Desculpa.

— É casado? — perguntou a menina.

Addison lançou-lhe um olhar desaprovador, de relance.

— O meu papá deixou-nos... É desprezível!

— Chega, Elizabeth! — exclamou Addison, corando um pouco ao virar-se para mim. — Lamento imenso. Receio que o senhor acabe por se arrepender da sua oferta. Aliás, tenho a certeza de que já está arrependido!

Limitei-me a sorrir.

Percorremos a curta distância que nos separava do hotel e pus-me na longa fila da receção. Demorámos quase três quartos de hora até conseguirmos registar-nos. Addison estava a coser quando eu lhe levei a chave do quarto.

— Lamento que isto tenha demorado tanto tempo. Deixe-me ajudá-la com as malas.

— Não se incomode. Já o fizemos perder demasiado tempo.

— Tempo é o que não me falta!

Apanhámos o elevador para o sétimo andar, depois dirigimo-nos à *suite*, situada ao fundo do corredor. Abri a porta, depois afastei-me e deixei-os entrar.

— Meu Deus! — exclamou Addison, ao entrar.

— Isto é maior do que a nossa casa! — espantou-se Elizabeth, dando a volta à *suite* com os braços abertos.

— É a *suite* presidencial — disse eu, antes de mais um ataque de tosse.

— O senhor deve ser uma pessoa mesmo importante! — exclamou Collin.

— Não. O que acontece é que este era o último quarto que o hotel tinha disponível.

Entrei atrás deles, mas fiquei a alguns passos da porta, como um carregador.

Addison virou-se e olhou para mim.

— O senhor não faz ideia do quanto lhe agradeço por isto! Há quase três dias que tentamos chegar a casa. Uma amiga minha trabalha para a Delta e arranjou-nos bilhetes de familiares, sem direito a reserva, pelo que temos passado a viagem a ser “empurrados”.

— A sua amiga deveria saber que não era boa ideia a senhora viajar sem reserva na semana do Dia de Ação de Graças...

— Ela avisou-me. Eu é que não tive grandes hipóteses de escolha... — respondeu Addison, lançando um olhar de relance repentino ao relógio. — Oh, não! Esqueci-me de acertar o relógio... Collin, tens de tomar os medicamentos imediatamente!

Abriu o maior saco de viagem que trazia e retirou de lá dois frascos de comprimidos, de plástico. Despejou um comprimido de cada um na palma da mão e, em seguida, encheu um copo com água do lavatório.

— Toma — disse a Collin, entregando-lhe o copo e os comprimidos.

— Obrigado.

— Olhem, doces! — gritou Elizabeth, correndo para a mesa de jantar, sobre a qual havia uma travessa com morangos com cobertura de chocolate branco e escuro.

— Liz, isso não é teu! — advertiu Addison.

— «Feliz Aniversário»? — perguntou a criança, pegando num cartão que se encontrava em cima da mesa. — Quem é que faz anos?

— Eu — respondi.

— Então, feliz aniversário! — desejou-me Elizabeth.

— Obrigado.

— Não tinha dia melhor para ficar retido num aeroporto... — comentou Addison.

— A minha sorte é assim... — respondi, mais para por obrigação do que por o sentir de facto.

— Podemos fazer uma festa de aniversário, mamã?

— Agradeço à mesma, mas é melhor eu ir andando para que vocês possam descansar.

— Espere... por favor — pediu Addison, inclinando-se e sussurrando algo ao ouvido do filho.

O rapaz olhou-me com uma intensidade surpreendente para um miúdo, depois virou-se para a mãe e fez que sim com a cabeça. Aquela interação pareceu-me bastante peculiar.

— Não me sinto bem em expulsá-lo do seu quarto. Ainda por cima, é o seu aniversário e o senhor está doente. Nós ficamos bem neste sofá.

Surpreendeu-me o facto de ela ter mudado de ideias quanto à minha permanência, mas fiquei aliviado com isso. Não me apetecia propriamente dormir no chão da Sala VIP.

— Tem a certeza?!

— Ficamos bem aqui.

— Não, fiquem antes no quarto. Assim, poderão partilhar a cama grande.

— Obrigada!

Trouxe a mala para dentro e fechei a porta.

— E já comeram alguma coisa?

— Nem por isso... Acho que já não servem refeições nas viagens de avião.

— Pois... Parece que essa prática já se perdeu.

Atravessei a sala e peguei no menu do serviço de quartos.

— Gostas de piza? — perguntei a Collin.

— Gosto sim, Sr. Nate.

— De *pepperoni*?

— Pode ser.

— Guaraná? *Sprite*?

— Guaraná — respondeu Elizabeth. — O Collin também gosta de guaraná.

Dito isto, saiu da sala a correr.

Peguei no telefone e liguei para o serviço de quartos.

Pedi uma piza de *pepperoni* grande, alguns guaranás, uma travessa de batatas fritas e, como toque final, duas fatias de bolo de chocolate. A minha companhia atribuía-me um *per diem* generoso, que eu raramente gastava. Talvez o gastasse naquela noite! Olhei para Addison, tapando o bocal do telefone.

— E a senhora, o que gostaria de comer?

— Eu posso partilhar a comida com as crianças — respondeu ela.

— Tem sempre dificuldade em aceitar coisas?

— Acho que tenho de melhorar esse aspeto — retorquiu, sorrindo.

— Que tal começar por uma salada? Há salada *Cobb*, ou *Caeser* com frango...

— Pode ser a *Caeser*.

— ... e duas *Caeser* — disse eu ao empregado que me atendeu.

Desliguei o telefone e liguei para o serviço de quartos para pedir mais algumas almofadas e um cobertor.

— Importa-se que tome um banho? — perguntou Addison.

— O quarto é seu — respondi, novamente acometido por um ataque de tosse.

Desta feita, os espasmos foram bastante violentos. Até me admirei por não ter rompido um vaso sanguíneo! Quando tornei a virar-me, Addison tinha uma expressão de compaixão estampada na cara.

— Realmente, eu não devia aproximar-me do seu filho... — comentei.

— Bem, ou era o senhor ou milhares de pessoas potencialmente doentes no terminal do aeroporto... — respondeu-me. — Há quanto tempo é que está doente?

— Há cerca de duas semanas. Deve ser uma bronquite, ou coisa que o valha...

De repente, Collin atravessou a sala e aproximou-se de mim, olhando-me com preocupação.

— Dói-lhe?

— Não muito... Só quando tusso com muita força.

— Dói-me sempre, quando vou ao hospital.

Olhei para o rapazinho com a máscara de enfermaria e senti uma ponta de comiseração.

— Parece-me que és muito mais corajoso do que eu!

Nesse preciso instante, Elizabeth voltou a irromper pela sala dentro.

— Mamã, temos duas televisões! Podemos assistir a dois programas ao mesmo tempo!

Verguei-me, de súbito, com mais um acesso de tosse. Enquanto eu estava de cabeça baixa, Collin tocou-me no ombro. É difícil explicar o que aconteceu nesse momento... Foi algo diferente de tudo o que senti antes! Quando me tocou, senti uma espécie de corrente de energia atravessar todo o meu corpo! Foi até mais do que isso, pois houve algo de quase emocional naquela situação — como um arrepio que sentimos ao lermos uma passagem de um livro ou ouvimos uma música arrebatadora. Collin recuou e olhou para mim, como se esperasse pela minha reação, depois virou costas e dirigiu-se ao quarto, coxeando um pouco a cada passo.

Limitei-me a olhar para ele, sem perceber bem o que tinha acabado de se passar. Voltei-me para ver a reação de Addison, mas ainda estava a falar com Elizabeth. Depois, virou-se e disse:

— Acho que vamos tomar um duche agora. Vamos, Lizzy.

Saíram da sala. Levei a mão à testa, e apesar de ainda estar transpirada, tinha arrefecido. Inspirei longa e profundamente, algo que apenas cinco minutos antes me teria sido impossível fazer sem tossir. Em seguida, sentei-me no sofá, com a cabeça à roda. Já tinha ouvido falar de coisas como o dom da cura. Até já tinha ouvido falar dos ditos

«curandeiros da fé» na televisão, que, com a teatralidade dos lutadores de *wrestling* da WWE, exorcizavam os demónios da doença dos corpos dos fiéis e, depois, exortavam os telespetadores, em casa, a porem as mãos sobre os televisores para também eles serem curados (e a enviarem cem dólares, em sinal da sua gratidão).

Mas o que aquele rapaz fez foi algo de totalmente diferente, pois se se tratou de uma cura por meio da fé, esta foi toda sua, pois eu nem sequer sabia o que é que ele ia fazer. Porém, eu não podia negar que sentira alguma coisa. A minha tosse passara... e, minutos depois, apercebi-me de que os tiques também.



## CAPÍTULO QUATRO

*Esta noite, partilhei o meu quarto de hotel com uma mulher e os seus dois filhos. Creio que o seu rapaz me curou da Síndrome de Tourette. Por mais incrível que pareça, os meus pensamentos concentram-se mais na mãe do que no rapaz.*

DIÁRIO DE NATHAN HURST

Limitei-me a permanecer sentado no sofá durante vários minutos, tentando compreender o que acontecera. Sem dar por isso, fiz o que costumava fazer quando me sentia confuso: tirei uma nota de vinte dólares da carteira e dobrei-a num triângulo. Após vinte anos a fazer isto, consigo dobrar uma nota num ângulo pontiagudo como a lâmina de uma faca com uma só mão. Comecei por roçar a nota no braço, depois passei a ponta em torno dos lábios.

Chegaram os empregados de quarto com o cobertor e as almofadas que eu pedira, depois veio a comida. Assinei o recibo sem dizer uma palavra ao empregado. Addison ainda demorou um quarto de hora a sair da casa de banho. Abriu a porta, depois bateu com os nós dos dedos para chamar a minha atenção.

— Entre — respondi.

Estava com um ar fresco. Tinha o cabelo apanhado atrás e maqui-lhara-se um pouco.

— Acabei de me limpar de três dias de aeroporto! — exclamou, satisfeita.

Depois, reparou na travessa.

— Ah, a comida já veio!

Elizabeth entrou na sala a correr, gritando:

— Piza! Collin, a piza já chegou!

O irmão entrou na sala atrás dela, já sem máscara.

— Mãe, podemos ver um filme?

— Não, meu querido. Isso custa dinheiro. Entretém-te com a TV.

— Não faz mal — disse eu, olhando para Addison. — Quero dizer, se a senhora não se importar...

— Podemos?! — perguntou Elizabeth. — Por favor...?

— Ok, mas só um! Depois têm de ir para a cama.

— Mãe, podemos comer na cama? — perguntou Collin.

— Não.

— Podemos comer diante da televisão?

— Sim.

— Ok. Anda lá, Lizzy.

Addison pousou as nossas saladas sobre a mesa do café, depois empurrou a mesa de apoio para dentro do outro quarto. Fechou a porta e sentou-se ao meu lado, levantando, em seguida, as tampas dos pratos das saladas. A minha mente não estava concentrada na comida... Eu queria dizer-lhe alguma coisa sobre o milagre que acabara de sentir, mas não sabia bem como abordar o assunto sem dar a impressão de que tinha enlouquecido.

— Têm bom aspeto — comentou, passando-me os talheres. — O senhor deve ter filhos, visto que sabe como agradecer-lhes...

— Não tenho, mas a minha assistente costuma acusar-me de ainda ser criança.

Fui buscar a travessa de chocolates que fora deixada na *suite* pelo meu aniversário e coloquei-a sobre a mesa do café, ao lado das nossas saladas.

— Posso tirar um? — pediu Addison.

— Sirva-se à vontade!

Retirou um morango coberto de chocolate branco e trincou-o.

— Uma delícia!

— Foi Miche, a minha assistente, que os pediu, pois foi ela quem reservou a *suite*.

— Adoro-a!

— Quer beber alguma coisa? — perguntei, dirigindo-me ao minibar.

Ela ia responder que não, mas corrigiu-se.

— Adoraria tomar uma bebida. Há *ginger ale*?

Procurei até encontrar a bebida.

— Há *Canada Dry* — respondi, tomando um sumo de mirtilo para mim.

Voltei para o pé dela e passei-lhe a sua lata, juntamente com um copo. Ela abriu-a e deitou o líquido no copo.

— Deveríamos cantar-lhe o *Parabéns a Você!* — exclamou Addison.

— Não me importo nada que não cantemos — respondi.

— Então, pelo menos façamos um brinde — propôs, erguendo o copo. — Ao seu aniversário... e à sua generosidade!

Os copos tilintaram e bebemos.

— Posso perguntar-lhe de onde é? — indaguei, pousando o copo sobre a mesa.

— Sou natural da Virginia. O meu pai acabou de falecer...  
— Lamento imenso...  
— Também eu! Era um bom homem... — respondeu, triste. — E o senhor, de onde é?  
— Sou de Boston. Depois, fui para Filadélfia. Negócios...  
— O que faz?  
— Trabalho na área da segurança. Sou funcionário da Music-World.

Eu aprendera a dar a resposta mais simples, porque, por vezes, o facto de eu dizer às pessoas que mando prender gente deixa-as pouco à vontade.

— E a senhora, o que faz?

— Com o Collin naquele estado, tenho de me manter em casa. Felizmente, recebo um subsídio de alimentação. Movi uma ação contra o meu marido, por isso acho que é a paga... As coisas estão um pouco difíceis, mas sempre tenho um pequeno negócio caseiro — disse, dando uma garfada na salada.

— O que se passa com o Collin?

Addison soltou um leve suspiro.

— Tem leucemia. Acabou, há pouco tempo, a última sessão de quimioterapia. Mas vai andando benzinho e o médico até diz que ele está a reagir. Vivemos um dia de cada vez...

Volvidos alguns instantes, ela forçou um sorriso, pronta a mudar de assunto.

— E onde é que vive?

— Em Salt Lake, na zona de Sugarhouse. Eu viajava no mesmo voo que a senhora.

— Acha que alguma vez chegaremos a casa? — perguntou.

— Um dia destes, quem sabe...

— Pois, quem sabe... — repetiu ela.

Comemos em silêncio durante algum tempo, depois Addison olhou para mim, curiosa.

— Parou de tossir!

— Melhorei — respondi, encolhendo os ombros.

— Assim, sem mais nem menos?!

— Acho que o seu filho me curou — disse eu, num tom meio jocoso.

O sorriso apagou-se-lhe da cara e olhou de relance para o relógio.

— Bem, está a fazer-se tarde. É melhor eu deixá-lo ir-se deitar — disse, pousando os talheres e tornando a colocar a tampa argêntea sobre o prato. — Mais uma vez, obrigada por tudo.

— Até amanhã...  
Ela dirigiu-se à porta do quarto.  
— Posso fazer-lhe uma pergunta?  
Deteve-se, com uma expressão ansiosa.  
— O que a fez mudar de ideias quanto à minha permanência aqui?  
— O Collin disse-me que o senhor era bom homem.  
Fiz que sim com a cabeça, embora não compreendesse... Que mulher confiaria na opinião do seu filho de nove anos para avaliar os homens?!

— E o senhor? O que o fez convidar-nos para a sua *suite*?  
— Pareceram-me um bocado desesperados...  
— Costuma convidar mulheres desesperadas a partilharem os seus aposentos?  
— Não, a senhora é a primeira. Mas é possível que venha a habituar-me, já que até nem está a ser nada mau...  
— Também está a ser bom para nós. Boa noite.  
— Boa noite — devolvi, enquanto ela desaparecia do outro lado da porta.

Tirei as almofadas do sofá e abri a cama articulada. Em seguida, apaguei a luz e deitei-me, pensativo. Continuava sem tiques e perguntei a mim mesmo quanto tempo é que aquele intervalo duraria.

## CAPÍTULO CINCO

*Finalmente, cheguei a casa. Apesar do atraso, Earl, o meu peixe, continua vivo. Acho que nunca vai morrer!*

DIÁRIO DE NATHAN HURST

Ainda era noite quando bati levemente à portar do quarto. Addison abriu-a apenas o suficiente para eu lhe ver a cara. Tinha o cabelo emaranhado e a expressão ainda estremunhada. Apoiou-se na ombreira da porta.

— Bom dia — sussurrou. — Está de partida?

— Sim. Os aviões já têm autorização para descolar e quis despedir-me.

— Muito obrigada por tudo — agradeceu, passando a mão pela testa para afastar o cabelo. — Temos de sair já?

— Não. Telefonei para a transportadora aérea e vocês têm lugar no voo da uma e meia da tarde.

— Como é que arranjou isso?!

— Expliquei-lhes o estado de saúde do seu filho e eles arranjam maneira de vos pôr no topo da lista. Também liguei para a receção e consegui que eles vos deixassem sair mais tarde. Podem ocupar a *suite* até à uma, mas não percam o avião!

— Não sei como lhe agradecer...

— Não é preciso — disse eu, metendo a mão no bolso do casaco para retirar um cartão-de-visita. — Para o caso de quererem arranjar uma guitarra mais barata...

— É muita simpatia sua — disse ela, sorrindo. — Obrigada por nos ter ajudado!

— Não tem de quê — respondi, preparando-me para sair.

— Nathan!

Voltei-me para ela.

— O mundo bem precisa de mais homens como o senhor!

Sorri e fui-me embora. Addison não sabia o tipo de homem que eu era realmente.

O meu voo aterrou em Salt Lake por volta das dez. A paisagem vestia-se de branco, mas o céu apresentava-se azul e limpo. Assim que

recuperei a bagagem, apanhei a carrinha para o parque de estacionamento de longa duração. Varri dez centímetros de pó do meu carro, depois dirigi-me ao trabalho. Miche sentiu um misto de alegria e surpresa, ao ver-me. É de estatura baixa, com um metro e cinquenta de altura e um sorriso contagiante. Envergava uma camisola de gola alta com um colar de turquesas, uma saia preta de camurça e botas à *cow-boy* cor-de-rosa.

— Ei, bem-vindo! — exclamou, mirando-me. — Dormiu vestido?!

— A minha mala ficou retida na barriga de um avião...

— É justamente por isso que costuma levar uma muda de roupa na bagagem de mão.

— Tenho feito isso em todos os voos ao longo dos últimos quatro anos... exceto neste!

— É a Lei de Murphy — disse ela, com ar de entendida, olhando, em seguida, para os chocolates que eu levava na mão. — São para alguém em especial?

— Obrigado pela *suite* no hotel — agradecei, entregando-lhe a caixa. — Salvou-me a vida!

— Sou uma mulher prevenida!

— Ah, e obrigado também pelo presente de aniversário.

— Não tem de quê.

Levei a mão ao bolso e retirei o que lá tinha: uma bola de recibos do cartão de crédito amachucados e algumas notas de um dólar dobradas em ângulos. Ela pegou nas notas e empilhou-as sobre a secretária, depois começou a endireitar os recibos. Demorara seis meses a compreender a inutilidade de me repreender por enfiar descuidadamente os recibos nos bolsos. Até já tinha deixado de me entregar envelopes para os recibos antes das minhas partidas. Deu uma olhadela rápida aos pequenos papéis, assentindo com a cabeça a cada um. Parou no recibo do hotel. Deu uma vista de olhos aos gastos, depois retirou um chocolate e cravou-lhe uma unha no fundo para ver de que variedade era.

— É possível que eu tenha excedido o meu subsídio de alimentação — disse eu, antecipando a pergunta dela.

— Pois, eu também como muito quando estou aborrecida — disse ela, olhando novamente para o recibo. — Mas, caramba, o senhor deve ter-se sentido mesmo *muito* aborrecido! — comentou, devolvendo o chocolate à caixa e escolhendo outro.

— Não fui só eu. Tive alguns convidados...

— Convidados?

— Foi uma senhora que eu conheci... Estava retida no aeroporto.  
— Não ficou toda a gente retida no aeroporto? — perguntou, num tom jocoso. — Devia ser bonita. *Era* bonita?  
Sublinhou a pergunta atirando um bombom com recheio de frutas para dentro da boca.  
— Não foi isso... Ela tinha um casal de filhos.  
— E então? Não se pode ser bonita e ter filhos?  
— O que eu quis dizer foi que não se tratou de um engate.  
Miche pareceu algo desiludida.  
— É pena...  
— Porquê?  
— Deixe lá... — disse ela, comprimindo os lábios. — O senhor Stayner quer falar consigo no gabinete dele.  
— Quando?  
— «No preciso momento em que o Nate chegar» — respondeu ela, imitando a voz grave de Stayner.  
Fiz uma careta. Ela até o imitou muito bem!  
— Algum dia, ele estará mesmo atrás de si quando fizer isso!  
— Não estará nada!  
— Como é que pode ter tanta certeza disso?  
— Porque *o senhor* protege-me.  
Sorri e virei costas para me ir embora, mas nem cheguei a dar um passo porque Miche é daquelas pessoas que se lembram sempre de alguma coisa para dizer quando nos preparamos para nos afastarmos e esta vez não foi diferente.  
— Espere! Não se esqueça de que tem consulta às onze!  
— Não vou precisar.  
Olhou para mim com um ar intrigado.  
— Curioso... Ainda não tossiu uma só vez!  
— A tosse já me passou.  
— Ninguém se livra de uma bronquite sem mais nem menos!  
Ainda ontem não conseguia dizer duas palavras sem tossir..  
— É como vê... já passou!  
— Quem me dera ter o seu sistema imunitário!  
— Eu também! Nunca mais metia baixa!  
— Eu metia! Só não passava era o tempo na cama a assistir ao programa da Oprah — disse, rindo. — Mais uma coisa: mudou de ideias quanto a viajar de carro até Pocatello? Olhe que ainda há voos com lugares vagos!  
— Vou de carro. E tenho uma missão para si.  
— Qual é?

— Veja se consegue descobrir o endereço de uma tal Addison Park na lista telefónica, por favor.

— Addison? É um nome bonito. Por acaso não será a sua “convidada misteriosa”?

— Não seja bisbilhoteira! — exclamei, começando a percorrer o corredor. — E sim — disse, por cima do ombro —, é bonita!

Larry Stayner, chefe da segurança da MusicWorld, ocupava um gabinete no canto sudeste do quinto andar. Era um homem alto e magro e praticara triatlo até uma rutura num disco da coluna vertebral lhe acabar com o projeto de vir a participar no *Ironman Thriatlon*<sup>5</sup>. Andava sempre bem vestido. Era arrogante e convencido, andaria pelos quarenta e muitos, pintava o cabelo com *Grecian Formula* e usava óculos grossos, de carapaça de tartaruga. Nunca foi pessoa com quem eu simpatizasse muito, embora me desse com ele tão bem como qualquer outra pessoa no escritório. Aliás, dava-me muito melhor com ele do que as nossas colegas, que lhe deram a alcunha de *Manápulas*. Tinha um carácter instável, pois mostrava-se generoso e bem-humorado em alguns dias, em outros, vingativo e melancólico. Eu abordava-o sempre como quem se aproxima de um cão vadio. Suspeitava de que o seu mau humor ocasional coincidia com a dor crónica que o afligia nas costas, embora o problema também pudesse ter que ver com o casamento, que, tanto quanto me era dado observar, parecia tão doloroso como a sua hérnia discal.

Bati à porta, depois abri-a. Stayner estava ao telefone, mas fez-me sinal para entrar. Avancei, aguardando alguns passos para lá da porta. Não tardei a presumir que estaria a falar com a esposa.

— Tenho de desligar — disse, de repente, olhando para mim e fazendo-me sinal com a cabeça. — Tenho gente no meu escritório. Eu falo com o empreiteiro. — Pausa. — Já te disse que falo com o empreiteiro!

Desligo o telefone com uma expressão de angústia.

— Esta mulher dá cabo da paciência a um santo! — exclamou, premindo um botão do telefone. — Martsie, telefone ao Wooden e diga-lhe que o tipo que ele mandou para arranjar as prateleiras da cave deixou um grande arranhão na parede da escada e tem de concertar o estrago.

---

<sup>5</sup> Trata-se de uma das competições de triatlo de longa distância organizadas pela World Triathlon Corporation (WTC). Esta competição consiste numa prova de natação de 3,86 km, numa prova de ciclismo de cerca de 180 km e numa maratona (cerca de 42 km). As provas decorrem por esta ordem e não existe descanso entre as mesmas. (N.T.)

Depois, virou-se para mim.  
— Ah, está de volta!  
— Sim, senhor.  
— Ouvi dizer que está doente.  
— Já passou.  
— Ainda bem. Sente-se.  
Era evidente que não se sentia generoso nem bem-humorado naquele dia.  
— Esteve em Boston e em Filadélfia. O que é que se passou por lá?  
— Um grupo de rapazolas da universidade pensou que nós íamos financiar a festa de fim de ano da associação de estudantes.  
— Estava a referir-me a Filadélfia.  
— O normal, porquê?  
— Não se pode dizer que tenha sido o normal... Não houve detenções e o gerente da loja informou-me de que o senhor esteve sozinho com a suspeita. É verdade?  
— Sim, mas...  
— Devia estar mesmo doente! O senhor bem sabe a posição em que essas situações deixam a empresa! Para não falar na sua situação pessoal...  
— Gravei a entrevista, para nos salvaguardar.  
— Depois foi até ao carro dela e repôs duas guitarras *Martin* e um amplificador *Thomson* na loja e livrou a mulher de responsabilidades.  
— Ela ajudou-me.  
— Como?  
— Não carreguei o equipamento sozinho. Ela ajudou-me.  
— E o senhor não a mandou prender...  
— Ela não era ladra.  
Stayner olhou para mim, incrédulo.  
— Nesse caso, como é que as duas guitarras e o amplificador foram ter ao carro?  
— Ela levou o material emprestado.  
— Emprestado?!  
A sua expressão tornou-se mais carrancuda.  
— O senhor sabe muito bem o que é que isto parece...  
— Ela devolveu tudo. As coisas estavam no carro.  
— Talvez ela estivesse a caminho de uma casa de penhores quando você a apanhou!  
— Talvez... — respondi.  
— O que é que se passa realmente? — perguntou ele, olhando-me com um ar de suspeita.

— O marido bate-lhe... e ela estava a tentar arranjar dinheiro para se livrar dele, mas não foi capaz de fazer o que tinha em mente e devolveu tudo.

— E acreditou nela?

— Não foi preciso. Vi as nódoas negras — respondi, passando a mão pelo cabelo.

Mantivemo-nos ambos em silêncio, por momentos.

— Eu sei que fiz asneira, mas pareceu-me a atitude correta a tomar.

— A sua função não é perdoar, mas sim impedir que as pessoas nos roubem. Como é que eu posso ter a certeza de que isto não torna a acontecer?

— Não pode.

A sua cara não denunciou qualquer reação. Passados alguns instantes, começou a reclinar-se lentamente na cadeira.

— Não posso despedi-lo. É demasiado bom naquilo que faz. Só preciso de ter a certeza de que não está a amolecer... ou a ganhar problemas de consciência em relação ao seu trabalho.

— Já é tarde demais para isso.

Ficou ali sentado, pensativo durante o que me pareceu ser uma eternidade. Passado algum tempo, suspirou.

— Muito bem. Pode retirar-se.

Levantei-me e dirigi-me à porta.

— Nate...

— Sim?

— Apresentou um relatório do caso?

— Evidentemente.

Voltei ao meu gabinete. Miche reunira todos os meus recibos numa única pilha, colocara dois dicionários por cima e pressionava com o peso pluma do seu corpo. Enquanto isso, olhou para mim.

— Então, o que é que o *Manápulas* queria? O senhor deixou alguma ponta solta?

— É bruxa?

— Almocei com a Martsie... — disse, olhando para mim com os lábios comprimidos. — Sabe, há algo de diferente em si, mas não consigo identificar bem o que é. Não me diga que “raspou” algum pormenor.

— Só os pelos das pernas.

Ela riu-se e continuou a observar-me.

— Hei de descobrir o gato. Precisa de alguma coisa?

— Não, mas acho que vou sair do trabalho mais cedo hoje. É que não dormi grande coisa na noite passada.

— A sua “convidada” não o deixou dormir?  
— Indiretamente, não.  
— Não sei o que quer dizer com isso, mas aqui está o endereço dela — disse Miche, passando-me um *post-it* cor-de-rosa vivo com um endereço escrevinhado a preto. — Vive em Murray.

Eu conhecia a zona, pois ficava a apenas quinze minutos do local onde eu vivia.

— E obrigada pela caixa de chocolates de tamanho industrial. Não é que me fizesse falta...

— Toda a gente precisa de chocolate — respondi, dobrando a nota e guardando-a no bolso do casaco. Em seguida, fechei a porta e fui à “pesca”.



## CAPÍTULO SEIS

*O Stayner atenuou-me o juízo por ter deixado aquela mulher escapar sem castigo em Filadélfia. Pergunto a mim mesmo o que teria ele feito no meu lugar. Uma coisa é ordenar uma execução, outra — completamente diferente — é desferir o golpe com o machado.*

DIÁRIO DE NATHAN HURST

Eu não conseguia deixar de pensar em Addison. Desejava vê-la outra vez. Também queria ver o filho. Passara o dia à espera que os meus tiques voltassem — cheguei até a fingir um —, mas nada! Tanto quanto sabia, o miúdo tinha feito um milagre. Retirei o endereço do bolso e tornei a olhar para ele. Quando dei por mim, já estava a caminho da casa dela.

Addison vivia numa pequena casa de tijolo vermelho, ao estilo das dos ranchos, em Murray, um pequeno subúrbio situado no meio de Salt Lake Valley, no Estado do Utah (a pequena cidade autoproclama-se o «Centro de Salt Lake» — não é que isto seja propriamente uma denominação lisonjeira, mas certamente fez com que alguém se sentisse importante).

A casa dela estava situada num beco sem saída constituído por sete casas, apenas cinco quarteirões a poente da State Street. O jardim da frente encontrava-se um pouco descuidado, com arbustos de piracantos — parcialmente vergados pela neve — trepando pelas paredes da casa. Uma quantidade impressionante de pingentes de gelo pendia da caleira, na fachada. Não havia qualquer viatura na rampa de acesso, mas, dentro de casa, as luzes encontravam-se acesas.

Estacionei o carro no outro lado da rua. De repente, comecei a sentir-me algo acanhado. Afinal, ela não me dera qualquer indicação de que desejava voltar a ver-me. Eu sabia que ela era divorciada, mas o divórcio ocorrera havia já alguns anos, e tinha as minhas dúvidas de que uma mulher como ela permanecesse sozinha por muito tempo. A minha impressão era que ela teria uma relação com alguém. Como que em resposta aos meus receios, um *Lexus* cor de pérola estacionou na rampa de acesso e de dentro da viatura saiu um homem bem vestido, de fato de executivo. Subiu ao alpendre e tocou à campainha. Apesar de curioso, senti-me um pouco como um *voyeur* observando a cena e de-

cidi arrancar. No entanto, antes de dar ligar a ignição, a porta abriu-se e vi-a. Era linda, mesmo à distância.

Para minha consternação, pareceram-me ter uma relação de grande proximidade, pois ela abraçou-o e deixou-o entrar. Quando a porta se fechou, liguei o carro e dirigi-me ao ginásio.

Há pessoas que lidam com os problemas falando deles até à exaustão. Na verdade, algumas desfrutam tanto da «execução» que os resuscitam só para terem o prazer de os «matar» outra vez. Comigo, não é assim. Sempre que me sinto *stressado*, vou ao ginásio. Talvez seja por isso que consigo levantar quase cento e trinta e cinco quilos no banco.

A minha deceção serviu de combustível para um treino impressionante: corri durante uma hora e vinte minutos na passadeira, depois dirigi-me às prateleiras dos halteres de uma mão e fiz levantamentos até sentir os músculos a arder. Foi bom voltar a treinar depois de tanto tempo doente.

Normalmente, tomo um duche no ginásio, mas, naquela noite, voltei para o meu apartamento ainda de calções e com a *T-shirt* transpirada. Fazia frio na rua e o vapor desprendia-se do meu calor enquanto atravessei o parque de estacionamento, em direção a casa. Tomei banho, vesti uma *T-shirt* lavada e *boxers* e sentei-me na sala, a ler.

Passava um pouco das dez quando ouvi alguém bater à minha porta, que abri apenas o suficiente para espreitar. Era Addison quem se encontrava na escada.

— Só um segundo — pedi. — É que não estou apresentável...

Vesti uns calções, depois voltei e abri a porta.

Ela trazia um prato de biscoitos coberto com celofane e um envelope branco preso com fita-cola no topo.

— Desculpe pelo avançado da hora. Não me diga que o tirei da cama!

— Não, estava só a ler. Entre.

— Obrigada — agradeceu, entrando, não sem antes esfregar os pés no tapete com a inscrição «Bem-vindo», que tenho na entrada.

Assim que entrou, fechei a porta.

— Como é que descobriu a minha morada?

— O senhor deu-me um cartão seu. Com isso, telefonei para o seu escritório e Miche, a sua assistente, forneceu-me o seu endereço. Espero que não haja problema! Ela pareceu-me tão prestável...

— Pois, tenho a certeza de que foi muito prestável.

— Fiz-lhe uns bolinhos — disse, erguendo o prato. — Ter-lhos-ia trazido mais cedo, mas, como lhe disse anteriormente, trabalho em casa, e estava a trabalhar.

Lembrei-me do homem à porta dela e perguntei a mim mesmo se não estaria a mentir-me.

— Obrigado — agradei, pegando no prato e pousando-o sobre o balcão da cozinha.

— Não é grande coisa, mas queria agradecer-lhe pelo que fez por nós.

— Ah, isso não foi nada! Tem tempo para me fazer companhia por um bocadinho?

— Claro, obrigada!

Sentou-se de frente para mim e olhou em redor, explorando o meu apartamento de uma só assoalhada, com livros por todo o lado.

— Tem muitos livros!

— Eu sou muito dado a livros...

— Também adoro ler, mas, em geral, adormeço. Os dias deviam ter mais horas! — exclamou, olhando de relance para o livro que se encontrava ao pé da minha cadeira. — O que está a ler agora?

— Estou a ler o *Matadouro Cinco* <sup>6</sup>.

— É aquele sobre o raide aéreo em Dresden?

— Sim.

— Deve ser um livro deprimente...

— Na verdade, é bastante engraçado. É espantoso o que uma certa dose de ironia pode fazer pela tragédia!

— Receio bem que os últimos livros que tenho lido ultimamente sejam os dos meus filhos!

O homem que eu tinha visto à porta da casa dela ainda não me tinha saído da cabeça.

— Então quer dizer que estava a trabalhar...

— É verdade. Bem, sou massagista. É uma boa forma de ganhar algum dinheiro por fora e estar em casa, com os meus filhos. É possível que as minhas mãos ainda cheirem a óleo.

— Então, quer dizer que trabalha em casa... — constatei, feliz com a revelação.

— É verdade. Tenho um pequeno salão de massagens na cave.

— E os clientes vão a sua casa...

Ela olhou-me com um ar perplexo.

— Sim.

— Isso é muito bom! — comentei.

A minha reação fê-la rir.

---

<sup>6</sup> Trata-se de uma obra de Kurt Vonnegut, cujo título em português é *Matadouro Cinco ou a Cruzada das Crianças*. (N.T.)

— Sim, é bom. Assim, posso ficar em casa. Gosta de massagens?

— Nunca me fizeram nenhuma!

— Nunca?

— Eu tenho alguns problemas em que me toquem.

Senti-me algo desonesto ao dizer aquilo, mesmo porque, naquele preciso instante, até nem me pareceu nada má a perspectiva de ser tocado por ela.

Fez-se um instante de silêncio entre nós, que ela quebrou com um sorriso doce. Apetecia-me perguntar-lhe por Collin, mas ainda não me tinha ocorrido nenhuma forma de abordar o assunto sem parecer maluco.

— Eu estava a pensar... — hesitou. — Quero dizer, se não tiver outros planos, gostaria de o convidar a passar o Dia de Ação de Graças connosco. Seremos só o Collin, a Lizzy e eu.

O convite apanhou-me de surpresa.

— Agradeço-lhe imenso mas, infelizmente, estarei fora da cidade.

— Ah...

A decepção estampou-se na sua cara.

— Tem de trabalhar?

— Vou passar o dia com a minha mãe.

— Isso é bom! — exclamou.

Assenti com a cabeça, apesar de não ser verdade.

— Vê-a muitas vezes?

— Há já alguns anos que não a vejo.

— Tenho a certeza de que ela está desejosa de o ver.

Não respondi, e o silêncio tornou-se um pouco constrangedor. Instantes depois, levantou-se.

— Bem, é melhor voltar para o pé dos meus filhos antes que a ama se revolte.

— Mais uma vez, obrigado pelos biscoitos.

— Mais uma vez, obrigada por tudo o que fez por nós.

Acompanhei-a à porta e abri-lha. Ela saiu e, em seguida, virou-se para trás.

— Se mudar de planos, o meu endereço está no verso do cartão. Almoçaremos por volta das duas... — hesitou. — Mas, se quiser, também pode passar a qualquer altura...

— Teria imenso prazer — respondi, embora não tenha a certeza de ela ter acreditado em mim.

— Adeus, Nathan.

— Boa noite.

Demorou-se mais alguns segundos e acabou por avançar para mim e abraçar-me. Senti o seu calor e a sua suavidade.

— Boa noite — retribuiu, afastando-se.

— Adeus.

Percorreu o corredor da escada e dobrou a esquina. Voltei para dentro quando desapareceu de vista. Retirei a cobertura de plástico do prato com os biscoitos e peguei num e dei-lhe uma dentada. Em seguida, voltei ao livro, perguntando a mim mesmo porque não tinha mudado os meus planos para o Dia de Ação de Graças.



## CAPÍTULO SETE

*Decidi visitar a minha mãe no Dia de Ação de Graças, mas ainda não sei porquê. Talvez seja a mesma força irresistível que nos leva a olhar para um acidente de automóvel ao passarmos.*

DIÁRIO DE NATHAN HURST

Tinham passado mais de três anos desde a última vez em que eu vira a minha mãe e aquela seria apenas a terceira vez desde que saía de casa. Decidira visitá-la apenas um mês antes, e não sabia bem porquê. Talvez fosse necessária uma psicoterapia intensa ou uma sessão de hipnose para compreender a decisão. Eu estava tão desejoso de que aquele dia chegasse como de ir ao dentista.

A viagem de três horas até Pocatello deu-me bastantes oportunidades de voltar para trás e, ao parar perto da fronteira entre os Estados do Utah e do Idaho para meter combustível, quase o fiz. Tive demasiado tempo para pensar no passado, e, para mim, voltar ao torrão natal era sempre como um retorno ao local do crime.

Passei a viagem toda a pensar em Addison. Quem me dera partilhar aquele dia festivo com ela, em vez de estar ali. O que teria aquela mulher de especial?

CASA DE REPOUSO ANOS DOURADOS. A placa parecia tão velha como os residentes e eu odiava o nome quase tanto como o próprio local. Lembro-me de, em miúdo, olhar pela janela do carro enquanto passávamos e ver os velhotes no jardim. Alguns apoiavam-se em bengalas, outros deslocavam-se com a ajuda de andarilhos, com os seus pés de um verde vivo, inchados como bolas de ténis. Havia também os que estavam presos a cadeiras de rodas. Aquilo não tinha nada de dourado! Não passava de umas instalações antigas e malcheirosas para idosos que não tinham meios para serem internados em outro lado. Aquela imagem era a melhor desculpa de que eu me lembrava para morrer jovem.

O parque de estacionamento estava deserto e perguntei a mim mesmo se aquela situação era normal no Dia de Ação de Graças nas outras casas de repouso. Estacionei no primeiro lugar vago que não estava reservado a deficientes e entrei. Os meus passos ecoaram pelo comprido corredor ladrilhado. O odor daquele lugar enchia-me de

medo. Nunca consegui perceber bem o que era. Seria um cheiro a analgésico? A papas de aveia? A torradas queimadas, a bolas de naftalina, a fraldas...? Era um caldeirão de odores geriátricos.

Contrastando com o cheiro e a escuridão quase palpável, o sistema de som debitava alegremente música de Natal, como se espalhasse uma fina camada de tinta sobre uma superfície enferrujada. Dirigi-me ao balcão das enfermeiras, ao fundo do corredor. Uma mulher corpulenta e mal-encarada, com o cabelo pintado em três tons de vermelho e uma argola no nariz falava, sentada, com alguém ao telefone. Pelos seus modos — bem como pelo que a ouvi dizer ao telefone —, sentia-se obviamente contrariada por ter de trabalhar durante o feriado. Mas eu não a podia culpar, pois também não me apetecia estar ali. Momentos depois, disse:

— Tenho de desligar. Está aqui uma pessoa. Guarda-me um naco de peru.

Dito isto, desligou o telefone e levantou o olhar.

— Em que posso ajudá-lo?

— Estou à procura da minha mãe. Chama-se Candace Hurst.

— A Candy está na sala de jantar — informou, examinando-me com um ar curioso. — É o filho dela, não é? Tem aspeto de quem podia ser filho dela...

— Isso acontece porque sou mesmo.

— Ela disse que você tinha morrido...

— Mas ainda não morri — respondi.

Estava apenas uma meia dúzia de residentes na cafetaria. A minha mãe estava sentada, sozinha, a uma mesa de plástico comprida e vazia, com o seu festim do Dia de Ação de Graças sobre uma travessa de plástico. Tinham-lhe servido peito de peru, cortado em cubos pequenos, acompanhado de uma porção de puré de batata perfeitamente arredondada, com aspeto de ter sido servida com uma colher de gelados. Tanto o conduto como o acompanhamento apresentavam-se cobertos de um molho de carne ralo e castanho. Havia alguns inhames cristalizados, uma colher de molho de mirtilo e um cubo de gelatina *Jell-O* vermelha, com feijão-verde suspenso no interior.

Quando cheguei ao pé dela, virou-se e olhou para mim. A sua cara manteve-se inexpressiva. Não parecia que tinham passado anos desde a última vez em que a vi, mas séculos. Parecia mais velha e pequena do que a imagem que eu tinha dela, como se a sua cabeça estivesse a enterrar-se nos ombros.

— Olá, mãe.

Ela fitou-me com puré de batata nos lábios. Passou pelo menos um minuto até ela me perguntar quem eu era.

— Sou Nathan, mãe, o seu filho.  
— Quem?  
— Sou o Nate — repeti, sentando-me numa cadeira ao seu lado.  
— Tommy?  
— Não sou o Tommy; sou o Nate.  
— Por onde é que tens andado?  
— Mudei-me para o Utah.  
— Porque é que me abandonaste, Tommy?  
— Não sou o Tommy, mãe.  
Ela olhou para mim, pasmada.  
— Vá, jante lá — disse-lhe eu passado um minuto, depois de ter espetado um pedaço de peru e lhe ter passado o garfo.  
Ela olhou para mim com um ar desconfiado, mas acabou por pegar no talher e o levar lentamente à boca.  
— Como é que eles a estão a tratar? — perguntei.  
Ela mastigou devagar, com o olhar perdido no horizonte, como se estivesse sozinha. Entrelacei os dedos.  
— Gosta de estar aqui?  
Silêncio.  
— A minha Síndrome de *Tourette* desapareceu — disse eu, em voz alta pela primeira vez desde que me vira curado. — É um milagre!  
Ainda nada.  
— Decidiram antecipar-se às próximas eleições presidenciais e deixar os candidatos baterem-se em combate cerrado. É tudo ou nada! Vai dar nos canais pagos.  
Nenhum de nós voltou a abrir a boca depois disto. Meia-hora depois, a minha mãe parou totalmente de comer. Então, olhou de repente para mim, semicerrando os olhos como se tentasse ver por entre o nevoeiro da sua demência.  
— Tenho saudades tuas, Tommy...  
Soltei um suspiro profundo.  
— Muito bem... Vou-me embora.  
Saí apressadamente daquele lugar, irritado, mas aliviado por me livrar dos seus odores e memórias. Entrei no carro e limitei-me a permanecer ali, no parque de estacionamento, por alguns instantes. Liguei o leitor de CD, mas a música não surtiu qualquer efeito.  
Odiei-me por ter voltado ali. Porque fizera eu aquilo? Para me castigar? Para provar a mim mesmo que a situação não podia ser tão má como eu a recordava?  
Certa vez, li a história de um muçulmano que fez a peregrinação a Meca de joelhos, arrastando-se por centenas de quilómetros até ficar

em carne viva. Talvez o desejo de nos punirmos pelos nossos erros seja simplesmente algo que faz parte da natureza humana... ou talvez eu seja apenas doido!

Numa ocasião, Einstein disse que a loucura consiste em fazermos a mesma coisa repetidamente e esperarmos resultados diferentes. Talvez seja este o meu caso. O que esperava eu? Algo diferente? De que é que eu estava à espera? De perdão?! Só mesmo para rir! No meu caso, esperar por perdão seria como esperar pelo autocarro do meio-dia à meia-noite! Meti a chave na ignição e, instantes depois, liguei o carro e tornei a olhar para trás, na direção do centro. «Também eu tenho saudades tuas, Tommy...»

## CAPÍTULO OITO

*Sinto-me como se me tivessem dado uma orquídea rara... e nem sei tratar de uma erva!*

DIÁRIO DE NATHAN HURST

Talvez tenha sido a dor da visita ou a aridez da paisagem por que passei a caminho de casa, mas, de repente, senti-me tragado por uma dolorosa sensação de futilidade. Tudo, na minha vida, se repetia miseravelmente: os mesmos resultados nas visitas à minha mãe; a mesma experiência numa cidade que nunca mudava; o mesmo caminho para casa, para me dedicar ao trabalho de sempre; o mesmo apartamento solitário... Nada mudava na minha vida desde havia anos. Liguei o rádio. Não... algo *tinha* mudado na minha vida: eu fora curado da Síndrome de Tourette. Porém, apercebi-me de que perdera mais do que apenas os meus tiques. Na verdade, perdera parte de quem eu achava que era.

Levara comigo o endereço de Addison, não fosse eu mudar de ideias quanto à visita à minha mãe. Quem me dera que isso tivesse acontecido! Olhei para o relógio do painel de instrumentos e calculei que chegaria a Salt Lake City já depois das cinco. Concluí que não faria mal. Mais vale tarde do que nunca...

Já tinha escurecido quando cheguei a casa de Addison. Estacionei o carro na rampa de acesso e subi os degraus de cimento que davam acesso ao alpendre da frente. Havia desenhos do Pai Natal, feitos a lápis e colados nas estreitas janelas de vidro fosco que ladeavam a porta da rua. Conseguia ouvir o som de alguém maltratando um piano. Quando toquei à campainha, a música parou e foi substituída pelos latidos histéricos e agudos de um cão.

Segundos depois, a porta abriu-se e quem apareceu foi a pequena Elizabeth. Guinchou ao ver-me e desatou a correr, deixando-me à espera no alpendre.

— É aquele homem! — gritou. — Está à nossa porta!

O cão continuou com o seu ataque de histeria.

Depois, ouvi a voz de Addison.

— Cala-te, *Goldie*, pouco barulho!

Os latidos pararam de repente e Addison veio à porta, com uma pequena lulu-da-pomerânia nos braços. Ao ver-me, sorriu.

— Sempre veio! — exclamou, alegre. — Entre!

— Estou um pouco atrasado — disse eu, embora suspeitasse de que ela já se tinha apercebido do facto.

— Fico feliz por ter vindo. Desculpe a Lizzy por o ter deixado à porta.

— Não há problema.

Elizabeth voltou à sala e pôs-se a fitar-me, encostada à parede mais afastada. Collin sentou-se ao contrário, no banco do piano, e também se pôs a olhar para mim. Não envergava o boné nem a máscara facial e a abóbada suave da sua cabeça refletia a luz amarela, vinda de cima.

Addison pousou a cadela, que me cheirou a perna antes de fugir.

— Deixe-me pendurar-lhe o casaco.

— Obrigado — agradei, despindo o anoraque, que ela levou para outra divisão.

Sorri às crianças, mas elas limitaram-se a fitar-me.

— Então quer dizer que sempre acabou por não ir visitar a sua mãe — disse Addison, voltando à sala.

— Não, eu fui visitá-la; só não me demorei lá o tempo que tinha planeado. Ela não estava a sentir-se muito bem...

— Lamento sabê-lo. Pensei que a senhora vivia fora da cidade.

— Vive em Pocatello.

— Isso fica a quê... umas quatro horas de caminho?

— Três e meia. Eu conduzo depressa.

— Bem — disse ela, sorrindo —, sobrou muita coisa... Vou buscar-lhe um prato. Tenho peru, recheio e pãozinhos Parker House. E se eu lhe fizesse uma sandes de peru com um dos pãozinhos?

— Não se incomode, obrigado, estou bem assim.

— Tem sempre dificuldade em aceitar coisas?

Exibi-lhe um sorriso irónico.

— A sugestão da sandes não é má...

— Ótimo! Sente-se. Tenho a certeza de que os miúdos o manterão entretido.

Addison saiu da sala e as crianças continuaram a fitar-me. Sentei-me num sofá forrado a ganga.

— Então, tiveram um bom jantar? — perguntei.

Elizabeth fugiu da sala e Collin fez sinal que sim com a cabeça.

— Comeram bem?

Voltou a fazer o mesmo sinal. Depois, levantou-se e também ele

saiu da sala. Poucos minutos depois, Addison voltou com um prato e um copo.

— Ora aqui está — disse ela, passando-me o prato, que pousei no colo. — Trouxe-lhe um pouco de cidra, mas também tenho gasosa, *Coca-Cola*, *Sprite* e gasosa *Shasta*.

— Fico-me pela cidra, obrigado — disse eu, pegando no copo e sorvendo um gole.

— Pelos vistos, assustou os meus filhos — comentou ela, sentando-se ao pé de mim.

— Eu provoço sempre esse efeito nos miúdos.

— Quando os meus clientes cá vêm, costumo ter grande dificuldade em fazer calar a Lizzy. O que se passou consigo deve ter sido por não estarem habituados a verem homens estranhos cá em casa sem ser para massagens — disse ela, sorrindo. — Mas não é que o senhor seja estranho!

— Não tenha tanta certeza disso! — adverti-a.

— Peço desculpa, mas é melhor eu ir ver o que é que eles estão a fazer. Volto já.

Dei mais uma dentada na sandes, enquanto olhava em redor. A sala tinha retratos das crianças nas paredes e sobre todas as superfícies e reparei que o pai não figurava em nenhum. Uma das fotos de Collin parecia relativamente recente, excetuando o facto de, nela, o rapaz ainda ter cabelo. Era da cor do da mãe.

— Estão a jogar *Nintendo* — informou Addison, ao voltar e sentar-se na ponta oposta do sofá. — Fale-me de si. Quem é Nathan Hurst?

— Ora aí está uma boa pergunta!

— É mesmo uma boa pergunta?

— Vou deixá-la tirar as suas próprias conclusões. A história de Nathan Hurst é um rosário de oportunidades desperdiçadas e amores perdidos.

— A história promete... Prossiga, por favor.

— Nasci na “próspera” metrópole de Pocatello, no Estado do Idaho, onde a batata é rainha. Mudei-me para o Utah quando completei dezasseis anos de idade, arranjei trabalho na MusicWorld nessa mesma semana e ainda aqui estou.

— E...? — perguntou ela, olhando para mim com um ar expectante.

— E, certo dia, conheci o Tony Danza num restaurante. Na verdade, não o conheci realmente, apenas o vi. Ele estava acompanhado de várias outras pessoas.

— Só isso?

Fiz que sim com a cabeça.  
— Sabe, o Danza é um tipo muito famoso...  
— Referia-me à sua vida.  
— Isto resume mais ou menos a minha vida.  
— Foi a pior versão condensada de uma vida que alguma vez ouvi!  
Estou a ver que vou ter de o sondar...  
— Faça favor — respondi, dando mais uma dentada na sanduíche.  
— A sua mãe ainda é viva... E o seu pai?  
Tive de acabar de mastigar antes de responder.  
— Morreu quando eu tinha nove anos.  
— Lamento imenso — disse ela, franzindo a testa. — Tem irmãos?  
— Tive um irmão.  
— E ele ainda vive em Pocatello?  
— Morreu. Um ano antes do meu pai.  
— A cada passo que dou piso uma mina, não é? — comentou ela, abanando a cabeça.  
— A minha vida é assim... um grande campo de minas. A minha mãe é a única família que me resta e está na casa de repouso desde... há séculos, e está demente. Na verdade, já nem me reconhece — expliquei, recostando-me no sofá com um suspiro. — Está a ver? A versão abreviada era melhor...  
Olhou para mim com um ar compreensivo.  
— Ainda bem que pôde vir. Não quero gabar-me, mas faço a melhor tarte de maçã do mundo! Quer uma fatia?  
— Adorava comer uma!  
— Então vamos para a cozinha, que está mais aquecida.  
Segui-a. A cozinha era pequena, com o seu chão de linóleo, a mesa de madeira de carvalho amarela e quatro cadeiras.  
— Quer que ponha *chantilly* na fatia?  
— Se fizer o favor...  
Addison pegou num recipiente pressurizado de *Reddi-wip*, mas só saiu ar.  
— Lamento, mas acabou-se-nos o *chantilly*... É que a Elizabeth mete a lata à boca e come-o todo! — lamentou-se, pousando um prato com a fatia de tarte sobre a mesa, acompanhado de um garfo. — Posso servir-lhe um café?  
— Tem descafeinado?  
— Para lhe dizer a verdade, é o único que tenho!  
— Então é o meu dia de sorte!  
Dirigiu-se ao balcão e voltou com duas chávenas. Depois, sentou-se de frente para mim.

— Esta tarte está excelente!

— É um dos meus muito poucos talentos. Adoro fazer bolos! E sou viciada no Food Channel <sup>7</sup>!

— Bem, já lhe contei os detalhes sórdidos do meu passado. Não quer partilhar o seu?

— Nasci em Arcadia, na Califórnia, que é o mais próximo do paraíso que se pode esperar de um subúrbio. Vivíamos a cerca de três quilómetros do hipódromo de Santa Anita. É um lugar cheio de heras e palmeiras. Os pavões passeiam pelas ruas e pousam nos telhados das casas. O meu pai era engenheiro e, quando eu tinha doze anos de idade, arranhou trabalho na Virginia, o que nos obrigou a mudarmo-nos para lá. Foi aí que conheci o meu «ex». Há cerca de dez anos, casámo-nos e mudámos para o Utah. Nessa altura, eu estava grávida do Collin. Divorciámo-nos há pouco mais de dois anos — disse, suspirando. — Tenho sofrido muitas perdas nos últimos anos... A minha mãe faleceu há cerca de um ano e o meu pai há doze dias. Morreu no dia em que ela faria anos, se fosse viva, e não me parece que tenha sido por coincidência. Ele nunca ia a lado nenhum sem ela...

— Quanto tempo é que eles estiveram casados?

— Quarenta e um anos — disse ela, sorrindo. — É assim que deve ser um casamento. O meu pai costumava dizer: «O nosso casamento dura há tantos anos porque eu tomo todas as grandes decisões e a Crystal toma sempre as menos importantes.» Depois, acrescentava sempre: «Mas, em quarenta anos de casamento, nunca tivemos de tomar nenhuma grande decisão!»

Addison riu, depois acrescentou, num tom mais suave:

— Com a morte da minha mãe, o meu pai transformou-se numa sombra de si mesmo! Amava-a tanto! E era tão bom homem... Foi uma sorte eu ter conseguido estar com ele antes do seu falecimento — confessou, com os lábios esboçando um sorriso ténue e doce. — O meu pai era um romântico dos antigos! Costumava cantar canções do Andrea Bocelli para a minha mãe e para mim. Não era que ele soubesse cantar, mas o que lhe faltava na voz sobrava-lhe no coração. Talvez fosse apenas uma questão de volume... A nossa canção favorita era *Com te Partirò* («Time to Say Good-bye»).

Na última vez em que estive com ele, conversámos durante toda a noite. O meu pai estava com muitas dores, mas tentou escondê-las de mim. Por volta das cinco da manhã, ficou muito calado e eu percebi que estava a chegar a hora. Então, olhou para mim de repente...

---

<sup>7</sup> Página sobre culinária na Internet, cujo endereço é [www.foodchannel.com](http://www.foodchannel.com). (N.T.)

Addison fez uma pausa, com os olhos rasos de lágrimas.

— Sabe, era aquele olhar de quem nunca mais vai voltar a ver outra pessoa. Apenas nos fitámos mutuamente. Depois, ele disse: «Está na altura de nos despedirmos»<sup>8</sup>, e ficou-se.

Addison baixou a cabeça e eu deixei que a emoção do que ela acabara de dizer me invadissem. Passaram alguns minutos até eu quebrar o silêncio.

— Tem sorte por ter essa recordação.

— Eu sei — respondeu, enxugando os olhos. — Seria de supor que uma pessoa nascida daquele casal tivesse mais jeito para escolher a sua cara-metade, mas, pelos vistos, não herdei essa capacidade...

— O tal «ex» tem nome?

— Costumo chamar-lhe Darth Vader, mas o seu nome verdadeiro é Steve.

— A Elizabeth disse que ele vos tinha deixado. Se bem me lembro, também disse que era «desprezível»...

Addison fez uma expressão como se acabasse de provar alguma coisa intragável.

— Sinto-me tão envergonhada com isso! Eu jamais falaria mal do pai diante deles! É que ela ouviu-me a falar ao telefone...

— E ele é *mesmo* desprezível?

— No dia do nosso aniversário de casamento, disse-me que me ia deixar.

— Isso torna-o realmente desprezível...

— Mas há pior: estávamos a passar umas férias extraordinárias em Mazatlan... o jantar estava maravilhoso e eu sentia-me toda romântica quando, de repente, ele me diz algo do tipo: «Como é que estás o teu salmão? Olha, vou trocar-te por outra pessoa.» Não consegui perceber porque é que eu não acabei o jantar... Trocou duas crianças e um casamento de dez anos por um modelo de sutiãs de Venice Beach, com vinte e três anos de idade!

— Um modelo de sutiãs?

— Sim senhor! Atirou-me com essa como se achasse que eu ficaria muito orgulhosa dele!

— Então quer dizer que ele tem alguns parafusos soltos...

Addison fez um sorriso sarcástico.

— Sabe como é quando estamos para comprar uma casa? Antes de a comprarmos, contratamos alguém para a examinar e elaborar um relatório para o comprador. O mesmo devia passar-se com os maridos!

---

<sup>8</sup> Trata-se de uma alusão ao título *Time to Say Good-bye*. (N.T.)

Antes de uma pessoa se casar, o dito deveria ser submetido a uma inspeção rigorosa para se ver o que está avariado, se tem concerto e quanto pode custar o arranjo.

Isto fez-me rir.

— Tem razão, mas a maior parte das pessoas está mais preocupada em casar-se do que em fazer as coisas pela certa. As pessoas mantêm os olhos meio fechados antes do casamento e só os abrem depois! Uma vez disse a uma amiga que me parecia que ela ia cometer um erro ao casar-se com o tipo com quem se ia casar, e ela respondeu-me: «Bem, já que estamos a ser honestos um com o outro, acho que tens uma história demasiado complicada para alguma vez vires a casar-te, além de que devias mudar de desodorizante.»

— Chiça!

— Pois... Nunca mais lhe toquei no assunto, depois disso, e o casamento dela não durou um ano. Ainda quis atirar-lhe com aquilo do «Eu bem te disse!», mas não valia a pena. Pelo menos, serviu-me para mudar de desodorizante!

Addison riu-se.

— Não se nota que estou um bocadinho amarga em relação a este assunto, pois não?

— Tirando aquilo do «Darth Vader»? Não, nada...

— Neste momento, estou mesmo furiosa com ele! O Collin acabou de passar por uma fase de tratamentos horríveis à base de quimioterapia e o Steve não o veio visitar uma única vez! Tive de passar o tempo todo a inventar desculpas para justificar a sua ausência, para que o filho não se sentisse rejeitado — desabafou, abanando a cabeça.

— E que tal mudarmos de assunto? Fale-me do seu trabalho.

— Passo o dia a caçar larápios atrás de um computador. É quase como num jogo de vídeo, simplesmente não existem ninjas e não posso abater ninguém.

— Como é que consegue ver, através de um computador, que alguém está a roubar?

— Há truques para isso. É evidente que se alguém surripiar alguma coisa da loja, não há muito que se possa fazer, mas, normalmente, os larápios tentam transformar os seus “despojos” em dinheiro e, para isso, escrevem mensagens e coisas do género. Essa “caixa registadora” é como queijo numa ratoeira, mas os ladrões deixam rasto sempre que lá vão.

— Trabalhar como detetive em lojas foi sempre o seu sonho profissional? — perguntou ela, sorvendo um gole de café.

— Não. O meu sonho era ser advogado, mas comecei a trabalhar

na MusicWorld quando ainda estava a frequentar o ensino secundário, e acabei no departamento de segurança. O ordenado é bom e até tenho direito a escritório e assistente.

— A Miche...

Acenei que sim com a cabeça.

— A Miche torna a minha vida muito mais fácil. Como, por exemplo, quando reservou a *suite* no hotel, em Denver.

— Sim, já gosto muito dela! — exclamou Addison, num tom decidido. Depois, olhou para o meu prato vazio. — Quer mais tarte?

— Não, obrigado, mas estava excelente!

Permanecemos calados durante algum tempo. Passado esse intervalo, olhei-a nos olhos.

— Posso fazer-lhe uma pergunta algo... estranha?

De repente, mostrou-se ansiosa.

— Não sei... Quão estranha é a pergunta?

Achei a sua paranoia estranhamente reconfortante e respirei fundo.

— Naquela noite, na *suite* do hotel, aconteceu uma coisa...

— Está a referir-se a algo entre nós?

A situação estava a tornar-se mais difícil.

— Bom, não era bem aí que eu queria chegar...

Agora estava a sentir-me como um verdadeiro parvalhão.

— Olhe... deixe estar, não é nada de importante.

Addison baixou o olhar por instantes, depois disse:

— O Collin curou-o.

— Já sabia?!

— Tive quase a certeza.

— Como é que aquilo foi possível?!

Ela pousou o olhar sobre a mesa e respirou fundo, como se se tivesse resignado a falar.

— O Collin nasceu com atresia da válvula tricúspide, o que significa que uma das válvulas do seu coração nunca se desenvolveu. Por isso, basicamente ele vive apenas com «meio coração». Os médicos tiveram de o operar quase assim que nasceu para lhe aplicarem um *shunt*<sup>9</sup>. Consideraram que ele tinha quarenta por cento de hipóteses de sobrevivência, mas o Collin é um lutador e excedeu as expectativas. Disseram-me que, no caso de ele sobreviver, teria de ser submetido a um transplante do coração mais tarde, mas, por enquanto, está bem.

---

<sup>9</sup> Canal de derivação arteriovenosa cirúrgica que desvia a circulação do sangue.

Posteriormente — há pouco mais de um ano —, veio a desenvolver uma endocardite, que é uma bolha do tamanho de uma noz, cheia de líquido infeccioso estafilocócico. O meu filho teve de ser submetido a uma operação muito complicada. Jejei e rezei, mas, ainda assim, as coisas correram mal durante a operação — explicou, engolindo em seco. — O Collin morreu na mesa de operações... Passou cerca de seis minutos clinicamente morto, até o “ressuscitarem”. Só soube disto quando o médico mo disse, estando ele já em recuperação. Disse-me que não sabiam se o cérebro tinha sido afetado. Graças a Deus, não foi, mas, alguns dias depois, Collin disse-me que, quando morreu, viu-se fora do seu corpo.

— E a Addison acreditou nele?

— Para lhe dizer a verdade, inicialmente não acreditei. Pensei que talvez ele tivesse tido um sonho. Porém, cerca de uma semana mais tarde, estava eu a tricotar um gorro para o meu filho quando ele me disse: «Mãe, não devias ter deitado o outro gorro fora. Eu gostava dele.»

Então, perguntei-lhe: «De que outro gorro é que estás a falar?!», ao que ele me respondeu: «Estou a falar daquele que deitaste fora, lá no hospital.»

Enquanto estive na sala de espera do hospital, comecei a tricotar-lhe um gorro, mas a operação durou mais duas horas do que os médicos me tinham dito inicialmente: Eu já ia a meio do trabalho, mas a espera pelas notícias frustrou-me e afligiu-me tanto que não parava de me enganar. Acabei por deitar tudo fora, incluindo as agulhas de tricotar. Perguntei-lhe como é que soube desse gorro e ele respondeu-me que estava ao pé de mim quando o deitei fora.

Depois, fiz-lhe perguntas sobre outras coisas. A sala de espera estava cheia naquele dia, mas lembrei-me de uma jovem família de origem asiática que se sentara a um canto. Tinham um bebé que não parava de chorar e o Collin disse-me que estavam lá umas pessoas chinesas com um bebé muito chorão. Era impossível ele ter sabido daquilo! Até descreveu as flores que estavam na sala!

— Isso é espantoso!

— O que é ainda mais espantoso é o facto de ele ter descrito coisas que não são deste mundo! Ele esteve em outro lugar, que classificou como «maravilhoso». Parece-me possível que fosse o Paraíso...

Fiquei sem palavras durante algum tempo.

— Quando é que descobriu que ele tinha o dom da cura?

— Isso foi algumas semanas depois da operação. A Lizzy tinha colhido algumas rosas, colocara-as num jarro sem água e acabou por se esquecer delas. Quando, finalmente, se lembrou delas, já tinham mur-

chado e desatou a chorar. O Collin pegou nas rosas e entregou-mas. Nesse momento, vi-as readquirirem — literalmente! — a cor. Foi a coisa mais bonita que eu alguma vez tinha visto!

— Tem de contar isto às outras pessoas! Imagine só o que o Collin poderia fazer! Poderia mudar o mundo!

Ao ouvir isto, a sua expressão endureceu imediatamente.

— Não! Ninguém pode saber disto!

— Porquê?

— Porque o que ele faz tem consequências. Faz com que fique doente a cada vez que acontece. Não sei se o efeito é permanente, mas no estado em que ele se encontra... receio que o mate — disse Addison, com o olhar carregado de dor. — A primeira coisa que pergunto a mim mesma todas as manhãs é quantos mais dias terei com ele. A cada vez que cura alguém, fica pior. Conseguir imaginar o que aconteceria, se as pessoas tivessem conhecimento do que ele consegue fazer?!

Fitou-me nos olhos, com um olhar penetrante.

— Levariam o meu pequenino...

— É claro que não contarei a ninguém — respondi, passados alguns instantes.

Ela estendeu o braço sobre a mesa e pegou-me na mão.

— Eu sei que não contará. O Collin disse-me que o senhor nos protegeria.

— Ah disse?! — indaguei, reclinando a cabeça.

— Um dos dons de Collin é a capacidade de ler a aura das pessoas. Sabe coisas sobre as pessoas que até as próprias desconhecem. Sabia coisas sobre o meu «ex»...

As coisas começavam a fazer sentido.

— Foi por isso que mudou de ideias sobre ficar comigo na *suite*...

— O Collin disse-me que o senhor era bom homem.

O facto de ela dizer aquilo causou um efeito peculiar em mim: fez-me duvidar do dom de Collin, pois se ele conhecesse realmente o meu passado, não teria dito aquilo.

— Mas este dom também tem um contra — prosseguiu. — Por mais que eu tente disfarçar, ele percebe sempre quando estou triste. E, ultimamente, isso parece ocorrer a maior parte do tempo.

Nesse instante, Collin entrou na cozinha. Perante a conversa que eu e Addison estávamos a ter, a normalidade daquela situação pareceu-me surreal.

— Mãe, podemos comer mais tarte?

— Claro!

Ela levantou-se, cortou-lhe uma fatia estreita e entregou-lha num prato de cartão.

— E a Lizzy, não quer?

— Só quer *chantilly*.

— Mas ela já o comeu todo!

— Eu disse-lhe...

Addison cortou mais uma fatia e colocou-a em outro prato.

— Quando acabarem, será altura de irem para a cama. E não se esqueçam de lavar os dentes!

— Mas mãe, estamos no nível sete!

— Nem que estivessem no nível setenta!

— O jogo não tem setenta níveis e eu nunca cheguei ao nível sete!

— Têm mais dez minutos; depois desligam o aparelho!

— Ok — respondeu ele, afastando-se com as fatias de tarte.

— É difícil ser-se mãe, porque estamos sempre a estragar-lhes o divertimento — disse ela, voltando-se para mim com um sorriso.

— Mas a senhora é boa nisso. Quero dizer, no papel de mãe...

Ela tornou a sentar-se e olhou para mim como se esperasse mais perguntas.

— Ele tem outros *dons*?

— Tem um que eu não sei bem como lidar com ele. Por vezes, diz-me que vê gente do “outro lado”. Não sou muito boa nisto, pois assusta-me. Por isso, não o encorajo a falar dessas coisas. É como se, desde a sua incursão nesse lugar, ele mantivesse um pé em cada mundo. Nada nos prepara para uma coisa destas... De certeza que outra pessoa lidaria melhor com isto.

— Duvido.

Sorriu, grata.

— Como é que um rapazinho encara tudo isto?

— Para ele, estas coisas são normais. São tudo o que conhece. E só as mantém em segredo porque eu lhe disse para não falar delas. Contudo, de vez em quando, age de moto próprio, como fez consigo.

— Não fazia ideia de que ele ia curar-me?

— Não.

— Se tivesse desconfiado, tê-lo-ia impedido?

— Provavelmente — confessou, algo acanhada.

— Ele é bom miúdo, não é?

— Tem o melhor coração que alguma vez conheci, o que é irónico, visto que só metade é que funciona!

Enquanto divagava sobre esta observação, reparei nas horas, indicadas pelo relógio que ela tinha pendurado por cima do fogão.

— Está a fazer-se tarde. É melhor eu ir andando, para que possa deitar as crianças.

Addison pareceu desiludida.

— Vou buscar o seu casaco.

Foi ter comigo à porta da rua. Saí para o alpendre e ela seguiu-me, fechando a porta. Estava perto de mim e os seus olhos quase pareciam brilhar.

— Não faz ideia de há quanto tempo eu queria falar com alguém sobre o Collin. É um alívio tão grande!

— Fico feliz por confiar em mim.

Aproximou-se até os nossos corpos se tocarem.

— Sabe, aquilo que eu disse sobre estar muitas vezes triste... Já não me sinto tão triste, desde que nos conhecemos.

— Já que estamos a partilhar confissões — disse eu, olhando-a nos olhos —, desde a estada no hotel que não tenho parado de pensar em si.

Um sorriso rasgado desenhou-se nos seus lábios. Inclinei-me e beijámo-nos. Quando parámos de nos beijar, continuámos a fitar-nos mutuamente, com a respiração condensando-se no espaço entre nós.

— Sabe, esta manhã foi horrível — disse-lhe —, mas o meu dia acabou por correr muito bem.

— O meu também.

— O que vai fazer amanhã à noite?

— Prometi aos miúdos que iríamos ver os enfeites de Natal, na baixa. Quer ir connosco?

— Posso levar-vos a jantar, depois disso?

— Isso seria engraçado. Os miúdos adoram comer fora, mas raramente o fazemos. Sai fora do orçamento...

— Onde é que eles gostam mais de comer?

— Em qualquer lado que tenha piza, esparguete ou hambúrgueres.

— E que tal o restaurante The Old Spaghetti Factory?

— Nesse caso, será o herói deles! — exclamou, reclinando a cabeça. — Mas o Nathan já é um herói... já me salvou uma vez.

Dizendo isto, chegou-se a mim e beijámo-nos outra vez.

— A que horas? — perguntei.

— Há? — respondeu, ainda estonteada pela emoção.

— A que horas devo vir buscar-vos?

— Ah, isso... Talvez o melhor seja jantarmos primeiro, porque os miúdos têm de estar na cama antes das nove. Pode ser às cinco e meia, ou é demasiado cedo?

— Fica combinado para as cinco e meia. Vemo-nos amanhã.

Ela aguardou no alpendre, com os braços cruzados para se proteger do frio, até eu ligar o carro. Depois, disse-me adeus enquanto eu me afastava da sua casa. Senti-me como se tivesse acabado de entrar numa realidade alternativa, daquelas de que costumamos acordar. Uma mãe solteira estonteante que me tratava como se eu conseguisse caminhar sobre a água e um rapazinho que talvez até fosse capaz de o conseguir mesmo! Eu não sabia bem qual deles era mais extraordinário.